

**ANGÚSTIA (1936)**  
**Graciliano Ramos (1892 - 1953)**

LINROSCOVESTIBULARFJVEST  
ESTUDO POR Jairo J. S. SOARES



Downloaded from



**Laboratório  
de Literatura**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

# Modernismo

## Modernismo I<sup>a</sup> fase

### 1922 a 1930

Considera-se, para fins de história literária, que o Modernismo no Brasil inicia-se com a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, no ano de 1922. Mas antes desse evento, devem-se registrar alguns outros fatos que antecedem e antecipam a revolução modernista iniciada em 1922.

O mais importante desses antecedentes foi a exposição da pintora Anita Malfatti em dezembro de 1917, “Paranóia ou mistificação”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* de 20.12.17. O ano de 1917 marca também a estréia em livro de uma das mais importantes figuras da Semana de 1922, Mário de Andrade, que, sob o pseudônimo de Mário Sobral, publicou um livro intitulado *Há uma gota de sangue em cada poema*. Ainda nesse mesmo ano são publicados *Nós* de Guilherme de Almeida, *Juca Mulato* de Menotti del Picchia, *A cinza das horas* de Manuel Bandeira e *A fruta de Pã* de Cassiano Ricardo. São quase sempre, obras ainda muito ligadas à tradição, trazendo as marcas do intimismo simbolista, do decadentismo e mesmo do parnasianismo. Apesar disso, foi-se formando um grupo atuante de jovens escritores e artistas interessados na renovação das artes brasileiras, na libertação e na superação do academicismo e da estagnação cultural reinantes no país. Nos anos entre 1917 e 1922 publicam-se outros livros desses mesmos autores, como *Carnaval* de Manuel Bandeira (1919), *A dança das horas* e *Messidor* (ambos de 1919) e *O livro de horas de Sôror Dolorosa* (1920) de Guilherme de Almeida, e de outros, como *Le départ sous la pluie* (1919) de Sérgio Milliet e *Poemas e Sonetos* (1919) de Ronald de Carvalho. Em 1919 registra-se também o retorno do escultor Vitor Brecheret da Europa. Nesse período acontecem também exposições de pintores como Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro em várias cidades do país.

Todos esses acontecimentos na vida cultural do país convergem então para a realização da Semana de Arte Moderna, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Além de exposições de obras de artistas como Anita Malfatti, Vitor Brecheret, Di Cavalcanti e vários outros,



**Comissão  
organizadora  
da Semana  
de 22**

foram apresentados recitais com músicos como Villa-Lobos e Guiomar Novaes, conferências de Graça Aranha, Mário de Andrade e Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, tudo isso acompanhado das vaias do público escandalizado. Mas, apesar da reação negativa do público, como diz Mário da Silva Brito, historiador do movimento modernista,

**(...) de qualquer forma, havia sido realizada a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T.S. Eliot, Proust, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica<sup>1</sup>.**

A semana de Arte Moderna marca o início da chamada “fase heróica” do Modernismo brasileiro, fase de consolidação do ideário inaugurado em 1922. É um período de grande efervescência cultural. Nesses anos publicam-se algumas das obras fundamentais da literatura brasileira, como por exemplo:

De Mário de Andrade:

*Paulicéia Desvairada* (1922)  
*A escrava que não é Isaura* (1925)  
*Amar, verbo intransitivo* (1927)  
*Clã do Jabuti* (1927)  
*Macunaíma* (1928)

De Oswald de Andrade:

*Memórias sentimentais de João Miramar* (1923)  
*Pau-Brasil* (1925)  
*Estrela de Absinto* (1927)

De Manuel Bandeira:

*Ritmo Dissoluto* (1924)

De Antônio de Alcântara Machado:

*Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927)

De Cassiano Ricardo:

*Vamos caçar papagaios* (1926)  
*Martin Cererê* (1928)

À influência das vanguardas européias, como o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Expressionismo, a literatura do período soma a luta contra o academicismo passadista, contra o parnasianismo e o esteticismo, já esgotados enquanto possibilidades de expressão artística, mas ainda dominantes na literatura oficial e no gosto do público. Daí a procura de uma linguagem moderna, despojada das convenções do gosto acadêmico, a preocupação em incorporar os coloquialismos e os brasileirismos na língua literária, contrariando os padrões vigentes de submissão à norma gramatical.

Para manter acesa a chama do movimento, foram fundadas revistas e jornais, muitos de vida curta, com o que se procurava divulgar e discutir as novas idéias e as obras que iam sendo produzidas. A primeira dessas publicações foi a revista KLAXON, lançada em maio de 1922, que teve a duração de 9 números. Em 1924 foi lançada no Rio a revista *Estética* por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Teve a duração de apenas 3 números, mas publicou artigos de grande importância, tanto de caráter ensaístico quanto de crítica literária.

Em 1928 surgiu a *Revista de Antropofagia*, que teve duas “dentições”; a primeira, dirigida por Antônio de Alcântara Machado e Raul Bopp, teve 10 números mensais. A segunda, dirigida por Geraldo Ferraz,

<sup>1</sup> Cit. por Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, pg. 384.

publicada semanalmente como página do jornal *Diário de São Paulo*, durou de março a agosto de 1912. A revista divulgou o movimento da *Antropofagia*, lançado por Oswald de Andrade com o *Manifesto Antropófago* em 1928.

Os modernistas de 1922 não formavam, naturalmente, um grupo homogêneo. Já por formação e gosto, representavam diferentes tendências estéticas. Na obra posterior de muitos deles, como por exemplo Guilherme de Almeida, nota-se mesmo um retrocesso em relação ao movimento modernista de 1922. Também não se pode negar que houve na Semana de Arte Moderna muito de provocação, de brincadeira quase, o que foi reconhecido por Mário de Andrade num balanço do movimento apresentado sob a forma de conferência em 1942. Estas disparidades refletem-se nas várias direções que tomaram os modernistas depois de 1922, dividindo-se em vários grupos e lançando manifestos de várias correntes dentro do Modernismo.

Assim, em 1924, Oswald de Andrade lança o *Manifesto da poesia pau-brasil*, procurando aliar modernismo e primitivismo. Depois em 1928, o mesmo Oswald de Andrade lança o *Manifesto Antropófago*, em que ele, invocando a antropofagia dos primeiros habitantes do território brasileiro, defende a incorporação crítica de todas as influências estrangeiras que se juntaram para formar a civilização brasileira.

Em 1925 surgiu o Verdeamarelismo, movimento de tendências nacionalistas fundado por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e Plínio Salgado. Esse mesmo grupo, aprofundando essas tendências, lançaria em 1929 a Escola da Anta, acentuando o caráter nacionalista-ufanista conservador do Verdeamarelismo. Essa coloração ideológica identificaria o movimento da Anta com o movimento político do Integralismo, de tendências fascistas, fundado por Plínio Salgado.

Além desses grupos, vale citar ainda o grupo em torno da revista *Festa*, de Tasso da Silveira, de tendência católica e espiritualista.

Agrupavam-se em torno de *Festa* autores como Adelino Magalhães, Gilka Machado, Murilo Araújo e, logo depois, poetas como Cecília Meireles e Murilo Mendes.

O Modernismo brasileiro não se esgota com sua “fase heróica”. A partir dos anos de 1930 o Modernismo consolida-se e diversifica-se. Se nem tudo o que se produziu durante a “fase heróica” ficou, ainda assim o que ficou pertence ao que de melhor se produziu na literatura brasileira. E as possibilidades que abriu não podem ser subestimadas. É com razão que diz Mário de Andrade, em artigo de 1940:

**O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta<sup>2</sup>...**

2 Mário de Andrade, "Modernismo", em *O empalhador de passarinho*, pg. 189.

## Modernismo 2ª fase

### 1930 a 1945

Passado o momento de contestação dos valores tradicionais da arte do século 19, quando os modernistas afirmam: “Não sabemos o que queremos; sabemos o que não queremos.”, referindo-se exatamente às convenções do passado, começa o segundo período do Modernismo brasileiro, conhecido como *fase construtiva*.

Esse período esteve marcado por um aprofundamento das propostas do Modernismo inicial em obras de forte caráter pessoal. Terminado o esforço coletivo de instauração do novo gosto artístico, estabelecidos os padrões da nova sensibilidade, cabe agora a cada artista desenvolver, com base nos novos critérios, suas obras. É a hora do recolhimento e da reflexão que dêem seqüência ao impulso de renovação inicial da década anterior.

As duas linhas centrais de desenvolvimento da arte literária serão:

- .a consolidação de uma linguagem nova;
- .e a radicalização de uma visão crítica do país.

Na poesia surgem definitivamente – dado que muitos destes nomes já haviam iniciado suas produções em anos anteriores – Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Enquanto avançam as obras de Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Na prosa, a manifestação de maior repercussão, dentro e fora do país, é a do Romance Regionalista Nordeste. Aglutinados em torno da figura seminal de Gilberto Freire, autor de *Casa Grande e Senzala*, um clássico dos estudos sociais brasileiros, e estimulados pelo romance de José Américo de Almeida, publicado em 1928, intitulado *A Bagaceira*, os autores que mais se destacaram nesse movimento foram:

- Jorge Amado, da Bahia (*Cacau*, *Jubiabá*, *Capitães de Areia*);
- José Lins do Rego, da Paraíba (*Menino de Engenho*, *Fogo Morto*);
- Raquel de Queirós, do Ceará (*O Quinze*);
- e Graciliano Ramos, de Alagoas (*Vidas Secas*, *São Bernardo*, *Angústia*).

O sucesso do Romance Regionalista Nordeste dos anos 30 se fez ouvir dentro e fora do Brasil. O Neo-Realismo português dos anos 40 é uma espécie de eco ao estímulo representado pela literatura brasileira da década anterior, cujos autores na verdade se encontram ainda em atividade na seguinte. Tal sucesso, no entanto, terminou por abafar toda uma tendência das letras nacionais que então também se manifestava: o romance intimista, representado por nomes como Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Ciro dos Anjos, entre outros.

Ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo e Dionélio Machado desenvolviam suas obras, aquele com maior fama e prestígio, este mais obscuramente. Dionélio Machado, talvez o maior escritor do período ao lado de Graciliano Ramos, só obteve reconhecimento da crítica muitos anos mais tarde, já na década de 70.

## Modernismo 3ª fase

### ou Pós-Modernismo 1945 em diante

O período mais recente da literatura brasileira, iniciado no pós-guerra é sobretudo caracterizado por uma diversidade de manifestações artístico-literárias bastante grande e muitas vezes contraditória. A própria designação pós-modernista não quer dizer quase nada sobre as coisas que designa, a não ser que se trata de manifestações posteriores ao Modernismo, o que nem sempre é esclarecedor, nem mesmo exato. Sem aprofundar essa discussão, mas chamando a atenção para o fato, lembramos que são muitos os autores ou movimentos literários dignos de menção nesse período. No entanto, dada a natureza sintética deste texto, que deve apenas fornecer as referências básicas para a situação das obras a serem estudadas, destacaremos apenas três nomes:

João Cabral de Melo Neto – poeta (*A Pedra do Sono*, *Morte e Vida Severina*, *A Educação pela Pedra*, *Agrestes*);

Clarice Lispector – ficcionista – (*Perto do Coração Selvagem*, *O Lustre*, *A Maçã no Escuro*, *Água Viva*, *Laços de Família*, *A Hora da Estrela*);

João Guimarães Rosa – (*Sagarana*; *Grande Sertão, Veredas*; *Corpo de Baile*; *Primeiras Estórias*; *Tutaméia*; *Estas Estórias*; *Ave, Palavra*).

Esses três nomes constam entre os maiores da literatura brasileira e, quem sabe, universal. Cada um deles já mereceria um estudo profundo e extenso, o que, já dissemos, transborda os limites deste texto.

No entanto, é preciso dizer, sobre Guimarães Rosa cujo livro *Primeiras estórias* integra a lista de obras da Fuvest.

João Guimarães Rosa produziu um dos maiores abalos a que o solo da literatura nacional já assistiu. Seus textos foram desde o início elogiados ou criticados com veemência, o que dá uma medida do caráter perturbador que possuíam. Em pouco tempo, a literatura crítica sobre Guimarães Rosa se avolumou dentro e fora do país. O seu nome se fez respeitar por escritores e críticos de diferentes idades e nações. A marca mais característica de suas obras foi o alto teor de invenção linguística nelas contido. Trabalhando basicamente os temas ligados à vida do homem do sertão brasileiro, com uma cultura de cidadão do mundo, Rosa produziu uma obra regionalista e ao mesmo tempo universal. Comparado aos maiores romancistas do século, sobretudo ao irlandês James Joyce, Rosa insistia em afirmar a especificidade de sua relação com a palavra, que ele dizia ser de natureza meta física, já apontando com essa declaração a forte impregnação mítico-religiosa de sua obra. Em muitas de suas estórias, o mistério, a possibilidade de milagre, o caráter encantatório da poesia, as lutas de Deus e do diabo no interior na alma humana são os aspectos centrais. Ler Rosa é aventurar-se na travessia do mistério da existência humana e é também vivenciar uma das maiores proezas já realizadas no idioma português. É preciso ler Rosa, é preciso ouvi-lo.

Para finalizar esta apresentação, um trecho de uma entrevista por ele concedida a um crítico alemão chamado Gunter Lorenz:

**LORENZ:** Uma vez você me disse que quando escreve quer se aproximar de Deus, às vezes demasiadamente. Certamente, isto também se relaciona com a língua. Como se deve entender isso?

**GUIMARÃES ROSA:** Isto provém do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. No fundo é um conceito blasfemo, já que assim se coloca o homem no papel de amo da criação. O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista

que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método. O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal.

**LORENZ:** Então, novamente, também na língua o compromisso humanista, o “compromisso do coração”, do qual você falou.

**GUIMARÃES ROSA:** Sim, é isso. Você, meu caro Lorenz, em sua crítica ao meu livro escreveu uma frase que me causou mais alegria que tudo quanto já se disse a meu respeito. Conforme o sentido dizia que em *Grande Sertão* eu havia liberado a vida, o homem, *von der Last der Zeitlichkeit befreit* (Liberto do peso da temporalidade). É exatamente isso que eu queria conseguir. Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve.

**LORENZ:** Na verdade você está de acordo, depois de tudo o que disse, em ser chamado de revolucionário da língua? A expressão “revolucionário” está tão desgastada, que mal pode fazer justiça ao que você define como língua e relação para com a língua e dever desta.

**GUIMARÃES ROSA:** Você disse justamente o certo! Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem. Veja como se tornam insensatas as frases feitas, tais como “revolucionário” ou “reacionário”, quando as examinamos em função de utilidade, quando a gente as toma *beim Wort nimmt* (Toma literalmente), como dizem os alemães.

**LORENZ:** Você não é nenhum revolucionário, embora ponha a língua toda de cabeça para baixo e trabalhe para o futuro. Você recusou noções como genialidade e intuição. Como explica seu processo de criação, aquilo que denominou “chocar” seus livros?

**GUIMARÃES ROSA:** Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente, pode explodir no ar. A Alquimia do escrever precisa de sangue do coração. Não estão certos quando me comparam com Joyce. Ele era um homem cerebral, não um alquimista. Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão.

Diálogo com Guimarães Rosa, Günter Lorenz, em *Guimarães Rosa*, Coleção Fortuna Crítica, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1991.

### Sinopse

*Angústia*, de Graciliano Ramos, foi publicado em 1936, inserindo-se historicamente na chamada Segunda Fase do Modernismo brasileiro (1930-1945). A prosa desse período literário desenvolve-se, basicamente, em duas vertentes que não raro se cruzam. De um lado, a **literatura engajada**, preocupada com os graves problemas históricos e sociais do Brasil, caracterizada principalmente pelo chamado Ciclo Regionalista Nordeste. De outro lado, a chamada **literatura de análise psicológica**, bem menos privilegiada pela crítica e pelo público da época, bem como pelos materiais didáticos das escolas brasileiras, mas nem por isso menos relevante. Apesar de esquematicamente catalogado entre os chamados autores sociais nordestinos, Graciliano Ramos vai muito além, como esclareceram os críticos Antonio Candido e Aderaldo Castelo: “É importante considerar, na obra de Graciliano Ramos, que o social não prevalece sobre o psicológico, embora não saia diminuído. O que ela investiga é o homem nas suas ligações com uma determinada matriz regional, mas focalizado principalmente no drama irreproduzível de cada destino”.

É bem o caso do livro que vamos estudar. *Angústia*, a obra-prima de “investigação psicológica” do autor, é de fato um brilhante mergulho na interioridade do protagonista narrador, mas não deixa de considerar o peso das pressões histórico-sociais sobre a psique humana. O livro narra de modo magistral a história de Luís da Silva, descendente de uma família decadente de senhores de engenho, que luta para vencer a miséria e conseguir uma medíocre estabilidade econômica. O frágil equilíbrio dos seus mundos interior e exterior é desfeito após se enredar em um triângulo amoroso envolvendo uma vizinha, Marina, moça fútil e interesseira, e Julião Tavares, rapaz rico e sedutor. A partir daí, Luís da Silva é arrastado tragicamente para um desfecho que o coloca em uma situação de extrema angústia. Contar a sua história é a maneira que ele encontra de entender o ato que cometeu e de tentar purgar-se dele.



## Resumo do enredo

Levantei-me há trinta dias, mas algumas sombras de visões ainda me perseguem. Os vagabundos na rua me amedrontam, nas livrarias, julgo ver expostos os rostos dos autores no lugar dos livros, como se estivessem se prostituindo. Minhas mãos tremem. Na repartição, não consigo trabalhar; a cara balofa de Julião Tavares está sempre por cima dos originais na máquina de datilografar. Em casa, tento escrever um artigo para o jornal, enquanto Vitória resmunga na cozinha, mas o tempo passa e só faço rabiscar o nome de Marina e combinações de letras do seu nome: mar, rima, arma, ira. Traço rabiscos pelo papel, enquanto divago. Penso nos políticos e comerciantes ricos, gente besta que me faz encolher. Não consigo pagar o aluguel ao monstro do Dr. Gouveia, nem as outras dívidas. E sempre a imagem daquela coisa amarela, balofa, que é a cara de Julião Tavares. Enfim, tudo se mistura de repente, minha mão se imobiliza sobre o papel, a tinta da caneta faz um borrão, e as imagens desaparecem, fico vazio.

Não agüento mais esta vida monótona da repartição. Quando chega minha hora, tomo o bonde e a imaginação viaja. Penso no meu cadáver amarelo, magérrimo, no meu enterro. Tais imagens sempre lembram Julião Tavares. Olho para a rua: do lado direito, casas de gente rica, do esquerdo, mar e navios. Há quinze anos, morava na pensão de estudantes de D. Aurora, o meu quarto cheirava a gás, meu companheiro Dagoberto espalhava os ossos sobre a cama para estudar anatomia. No fim da linha, o bonde topa com a miséria. Na volta, os fundos do Tesouro, onde trabalho, vida de sururu, ordenado mixo. Rua do Comércio, reconheço pessoas que me conhecem, muitos me desgostam. O bonde roda para oeste, sinto-me voltando para o interior de onde vim.

Meu avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva decaía, esclerosado. Zanzava quase em roupas de baixo pela vila, bebia e jogava até ser socorrido por um ex-escravo de respeito, mestre Domingos. Nos últimos tempos, chamava sempre pela minha avó morta, Sinhá Germana, que terminou seus dias xingando escravas que não existiam. Meu pai, Camilo Pereira Silva, manzanzando na rede, picava fumo, lia o Carlos Magno e sonhava com vitória na política. O vaqueiro Amaro, a cachorra Moqueca, Quitéria na cozinha, e eu brincava sozinho. Sempre brinquei sozinho, mesmo quando meu avô morreu e fomos morar na vila. Na escola, aprendi o catecismo e os verbos. O tempo passava devagar, quando acabava a aula, eu brincava sozinho.

Enquanto emendo um artigo que Pimentel me obrigou a escrever, uma chuva azucrinante, espécie de neblina pegajosa, me arrasta de novo ao passado. Quando eu era pequeno, esperava ansioso a chuva, gostava de ver tudo desaparecer sobre a água. Imagino Marina se banhando ali no quintal vizinho, a idéia do seu corpo nu, arrepiado, bole comigo. Eu gostava de me lavar na chuva; montava no cavalo e ia mergulhar no poço da Pedra. Meu pai gostava de me jogar no fundo e puxar quando me sentia afogar. Penso em fazer o mesmo com Marina, sufocá-la aos poucos por um dia inteiro dentro da água. As lembranças começam a se confundir na minha cabeça, vagos indícios que a imaginação completa: os sermões de Padre Inácio, Seu Evaristo enforcado, Mestre Justino e a escola triste, três velhas formiguinhas do outro lado da rua, cuidando de suas roseiras. A primeira vez que vi Marina, ela também cuidava das suas plantas, suada, cabelos pegando fogo. Lá estão novamente gritando os meus desejos. Um arrepio percorre minha espinha. Meu pai cochilava no balcão, eu sentia um silêncio enorme, de repente ouvia vozes que não sabia de onde vinham. Vozes monótonas, um queixume, um clamor que tomava conta do mundo, saindo das paredes, dos móveis. De onde viriam? Vou misturando coisas atuais a antigas.

Meu pai morreu quando eu tinha 14 anos. Cheguei da escola e encontrei a casa tomada: Padre Inácio, cabo José da Luz, o velho Acrísio, Rosenda lavadeira. Ninguém me disse nada. Passei o dia zanzando, pela casa e quintal, pensando no que tinha sido e seria minha vida, sentia frio e pena de mim mesmo. E fome. Adormeci encostado ao muro do quintal. Rosenda me acordou com uma xícara de café, quando o corpo de meu pai estava saindo para o cemitério. Comecei a chorar, não pelo meu pai, mas pela xícara de café. Até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa de Rosenda que me despertava. No dia seguinte, os credores foram entrando sem cerimônia. Fiquei sozinho, com medo, pensando no cadáver do meu pai, inchado, verde, com pedaços ficando pretos.

Seu Ivo vem me visitar, fica conversando com Vitória na cozinha. Refugio-me no quarto, no passado, mas não sou o mesmo daquele tempo. Sou um molambo estragado pela cidade. Enquanto fumo, as figuras vêm: o barbeiro André Laerte e o negociante Filipe Benigno discutindo. Seu Batista passeia na calçada. D. Conceição, mulher de Teotoninho Sabiá. Carcará gargalhando. O Doutor Juiz de Direito contando casos ao Vigário. Cabo José da Luz cantando tristezas à porta do quartel. O sino da Igrejinha. Não. É o relógio da sala de jantar batendo oito e meia. Apresso-me para estar na repartição às nove. Paro sobressaltado, não tenho consciência dos meus movimentos; está claro que meu desarranjo é interior. Por fora sou um cidadão comum: Luís da Silva, pobre diabo que vai para o trabalho maçador. Sinto-me imóvel na rua como o cadáver do meu pai apodrecendo debaixo da terra. D. Conceição e as meninas dela, D. Maria e Teresa, vinham me consolar, oferecer-me comida. Agradecia e me retraía, como animal acuado. A alma do meu pai pagava as penas da preguiça no purgatório. Um dia, resolvi desertar para terras distantes, peguei minha trouxa e os livros da escola. Começo a me apressar para não perder a hora do ponto. Luís da Silva, a caminho da repartição, lesando, pensando em defuntos.

Este mês fiz um sacrifício e dei cem mil-réis ao Moisés. Precisava pagar ao judeu uma parte da dívida pelos panos caros que comprei para Marina. É meu amigo, péssimo cobrador, trabalha para o tio, este sim, judeu verdadeiro. Quando lhe dei o dinheiro, declarou saldada a dívida. Agora podíamos nos sentar na mesa de entrada do café e conversar. Gosto do café. Fico reparando nos grupos, médicos, advogados, comerciantes, funcionários públicos, literatos, desembargadores. Meu olhar é para eles, enquanto escuto Moisés, inteligente, comentar as notícias do jornal e pregar a revolução, até que entra o chefe de polícia e ele se cala, acovardado. Quando aparece Dr. Gouveia, chamo Moisés para sair. Sentamo-nos num banco da Praça Montepio. Sinto-me incomodado pelos casais que se esfregam nos bancos do centro. Cachorrada! Meu amigo fala da perseguição aos judeus na Europa. Deve ser mentira, conto-lhe da miséria aqui mesmo. Minha história: viajando de fazenda em fazenda, professor cigano, ensinando as primeiras letras; depois a vida de caserna; tempos depois, os olhos queimando em trabalhos de revisão. E coisas que não conto: a humilhação pedindo esmolas como escritor, a peregrinação em busca de um pistolão em Maceió; enfim me encostaram na repartição. Eu obedecia a tudo, ia roendo meu osso com ódio, tão diferente do meu avô, que até enfrentara Doutor Juiz de Direito para libertar cangaceiro do bando de Cabo Preto. Moisés não se interessa por esta história. A ele agrada falar sobre a seca, o sofrimento dos sertanejos de onde vim. Tento me lembrar das secas, mas a verdade é que não sofríamos: meu avô caducava, meu pai lia *Carlos Magno*, minha avó morrera, o resto do povo da fazenda era bruto demais, insensível demais para sofrer, iam se virando. Minhas dores viriam depois.

A minha criada Vitória tem uns cinqüenta anos. É feia que dói, tem pelancas no pescoço, muitos pêlos no buço e verrugas escuras. É meio surda. Tenta ensinar o papagaio mudo a falar. Diverte-se lendo no jornal as notícias dos navios que chegam e partem. Quando chega a data do pagamento, excita-se, passa a esgaravatar o chão perto do canteiro das alfaces, onde enterra seu dinheiro, fazendo contas intermináveis. Volta e meia, somem alguns níqueis que deixo nos bolsos, até mesmo, uma vez, uma nota alta que estava na carteira. Daí a pouco, reaparecem.

Em janeiro do ano passado, a vida corria bem. Quinhentos mil-réis de ordenado, setecentos, com uns bicos. Não devia a ninguém, os chefes me toleravam, os amigos apareciam de vez em quando. Estava eu uma tarde lendo um livro ruim na espreguiçadeira do quintal quando percebi um vulto se mexendo no quintal. Não era a senhora idosa que lá morava. Que teria acontecido a ela? Morrera, disse-me Vitória mais tarde. O vulto era uma moça vermelhaça, olhos azuis e cabelos amarelos que doíam. Muito poético, a lambisgóia que parecia estar em todos os lugares do quintal ao mesmo tempo. Essas coisas de mulher não me interessavam. Tenho trinta e cinco anos, sou tímido e muito feio. No passado, atracara-me com uma rapariga desbragadíssima do Cavalo-Morto, depois com uma alemãzinha bonita e jeitosa que encontrara na rua, Berta. Mas a minha vida sempre fora alimentar o rato que me roía por dentro. Uma vez, fizera a burrice de convidar D. Aurora e a neta para um cinema. Arrependi-me no caminho, fazendo as contas do bonde, da entrada, do refresco depois. A moça abriu o leque das pernas e botou a minha entre as dela, mas eu só fazia pensar no dinheiro desperdiçado.

À noite, não conseguia prestar atenção em Pimentel e Moisés. No dia seguinte, sábado, a moça estava lá novamente, acompanhada de uma mais velha que parecia parenta, atrapalhando a minha leitura. Perua, unhas pintadas, o pernão aparecendo. Vitória não sabia quem eram. Passei a noite imaginando cenas terríveis com ela. Levantei aperreado; passei uma semana murcho, pensando em safadezas.

Moro na Rua da Macena, perto da usina elétrica. Cento e vinte mil-réis mensais de aluguel. Mas, para minha história, o que interessa é o quintal. Lá, debaixo da mangueira, me sentava todas as tardes para ler. À direita há um muro; a vizinha, D. Rosália, é antipática, amarela e muito faladora. À esquerda há a cerca e o quintal onde vi Marina. Há nele um mamoeiro, roseiras mesquinhas, um monte de lixo, água estagnada. Tornei-me amigo da rapariga, que era definitivamente estúpida, imbecil, safada: unhas e beijos pintados, preguiçosa, admirava os homens de *smoking* e D. Mercedes, uma espanhola vizinha que recebia o amante à noite, só lia os romances comoventes da biblioteca das moças. Mesmo assim conversávamos, às vezes, até a noite chegar. Vitória xingava-a pelos cantos: “Peruinha, cabritinha descarada, franguinha assanhada!” Eu entrava e fica passeando pela casa, volta e meia chegava à janela e olhava para a esquerda. Tinha três contos de economia no banco, dava para casar. Mas Marina, sinceramente, era Rua da Lama total. Deixe de besteira, Seu Luís.

Por aquele tempo, apareceu-me Julião Tavares. Filho de um dos comerciantes de Tavares & Cia., gente rica e influente. Esbarrei com ele em uma festa no Instituto Histórico; era patriota ao extremo, reacionário e católico. Tentei fugir dele, mas foi se imiscuindo em minha vida e me afastando dos amigos. Minha rotina era escrever. No passado, compusera umas duzentas páginas de sonetos, quando métrica e rima valiam alguma coisa. Um dia, vendi uma página a um colega de pensão, hoje elas são menos de cinqüenta, e o preço baixou de cinqüenta para dez mil-réis. Trabalhava para um jornal, à noite, escrevendo artigos de encomenda para chefes políticos do interior; artigos complicados, cheios de adjetivos doces ou amargos que me enjoam. Pimentel, Moisés e Seu Ivo apreciavam em casa mas não incomodavam, ficavam quietos no seu canto. Este é um mendigo mal educado, que viaja pelo estado inteiro, entra na casa de todos, arranja comida e não agradece. Julião veio bagunçar esta rotina; era impossível trabalhar com ele por perto.

Antes, éramos eu, Moisés, Pimentel, Seu Ivo e Vitória. Não havia discórdia em nossas discussões, as expansões eram francas. Mas Julião Tavares era intragável: gordo, bem vestido, perfumado e falador; uma amabilidade toda na casca. Tudo nele era postiço, tudo dos outros. E passou a me perseguir durante semanas, na repartição, no cinema, no jornal, no café. Ele e sua voz antipática louvando o Brasil, os fabulosos poetas alagoanos, a perícia do pai em juntar dinheiro.

Agora eu conhecia D. Adélia, mãe, e Seu Ramalho, pai de Marina. Certo dia, conversando com a velha sobre a carestia, ela me pediu que arranjasse um emprego para a filha, coitado de mim! Seu Ramalho chegou e repriminou a mulher. Não gostava da filha; achava que aquela não daria pra nada, quem se casasse com ela faria negócio ruim. Enquanto conversávamos, passou rebolando Antônia, criada de D. Rosália. Volta e meia a coitada arrumava os trapos e seguia algum homem. Era uma ingênua, meio selvagem, tinha grande necessidade de machos e sempre se estrepava. Mas a patroa a recebia de volta, porque as crianças eram doidas por ela. Antônia trazia-me sentimentos bons.

O calor era grande. Abri uma janela, avistei uma mulher que lavava garrafas e um homem triste que enchia pipas. Pensava em D. Mercedes e seu amante, um figurão caloteiro, que vivia das aparências, arranjado no Estado. Aquilo me deu raiva. Peguei o livro e fui me deitar na espreguiçadeira, debaixo da mangueira. Semicerrei os olhos, aborrecido. Passei uma semana arranjando colocação para Marina, só consegui um emprego de cem mil-réis numa loja de fazendas. D. Adélia lavava roupa e tossia. E eu ali, esperando minha franguinha aparecer. Devia estar se raspando, os sovacos, as sobancelhas, ou então pintando as unhas. De repente ela apareceu no meu campo de visão, com aquele risinho cochichado, como um rato, “chi, chi, chi”. Ia e vinha pelo quintal, oferecia a bunda apertada na saia justa, o pernão moldado pela meia de seda. E aquilo prestava?

Quando ela foi se aproximando da cerca, senti uma espécie de desmaio, o livro caiu, sentei-me e ela riu. Espantei os pensamentos ruins da cabeça. Falei a Marina do emprego, o seio querendo pular do decote. Ela fez muxoxo, mas agradeceu mesmo assim. Peguei-lhe na mão, escurecia. Mordi-lhe a mão, o pulso, o braço, abracei, beijei-lhe a boca, minhas mãos corriam pelo seu corpo, um peito escapou da roupa. Ela se

recompôs, assustada. Expliquei que lhe queria bem, que podíamos nos encontrar mais tarde. Seu Ramalho gritou pela filha. Falei em casamento. Gostava dela. Era amarrar uma pedra no pescoço e mergulhar.

Uma família esquisita veio morar na nossa rua. Um velho barbudo e encolhido, três moças amarelas e sujas, mal vestidas, ruivas e arrepiadas. Não se relacionavam com ninguém. A vizinhança se alvoroçou. D. Mercedes garantiu que as moças eram filhas e amantes do velho. Não havia provas, mas a história pegou. Passaram a chamá-lo de Lobisomem. Aquela história me enervava. Nem mesmo nos meus encontros com Marina, à noite, estava livre dos comentários. Além disso, lembrava-me de um caso da vila, um cearense cheio de feridas, saído da prisão, que foi pedir esmola na rua das putas. Um dia encontraram o homem abrindo as pernas da filha, de onde corria sangue. Encheram o coitado de pancada e ele confessou que havia desvirginado a menina. Foi condenado. Anos depois, os médicos descobriram que a menina era virgem; o velho estava tentando curar um corrimento da filhinha com remédios brutos da medicina sertaneja, quando o pegaram, confessou para não apanhar mais. Julião Tavares achava a história “natural, a justiça não é infalível”.

Marina defendia com unhas e dentes a sua virgindade. Com o tempo, acabei por aceitar os seus defeitos. Queria que eu lhe pedisse a mão, queria casar. Eu tinha boa vontade, mas me aborrecia o discurso a Seu Ramalho, a idéia de decorar casa, fazer convites com letras douradas, alugar carro, postar-me diante do juiz e do padre. Talvez os três contos voassem. Eu queria arranjar tudo com simplicidade.

No outro dia, retirei quinhentos mil-réis do banco e entreguei a Marina para que começasse a comprar os panos, a roupa branca. Saindo de casa, a primeira pessoa conhecida que encontrei na rua foi Julião Tavares. Senti um estremecimento desagradável, fingi não vê-lo. Depois da repartição, comprei um bilhete de loteria ao cego do café. Se tirasse uns cem contos, faria uma casa no alto do Farol, com vista para a lagoa, as paredes enfeitadas com quadros a óleo, o chão forrado de tapetes, a cama com colchão de paina, colcha de bordado fino.

Com o dinheiro, Marina comprou calças e camisas de seda, quase nada. Dei-lhe mais, pedindo economia. Meu dinheiro no banco foi-se embora. De lembrança, comprei-lhe um relógio-pulseira e um anel. Saí da joalheria falido, vinte mil-réis no bolso e uma satisfação maluca. Ao chegar em casa, recebi um choque: Julião Tavares, à janela da minha casa, pregava os olhos em Marina do outro lado, e ela correspondia. Entrei uma fera em casa, não ouvia sequer a fala mole e engordurada daquele sujeitinho. Comecei a andar pela sala, olhando para o chão, como é de meu costume. Na fazenda, eu gostava de atirar pedras nas cobras, até esmagá-las. Um dia, uma cascavel se enrolou no pescoço do velho Trajano. Na rua, os calceteiros consertavam o calçamento. Lembrei-me de cruzes à beira das estradas, por onde andara; sempre a mesma história: “um sujeito que namorou a noiva de outro”. Olhei para Julião, vi o seu pescoço esticar-se, os ossos se afastarem, os beijos se entreabrindo, roxos, intumescidos, a língua escura, os dentinhos de rato. Julião levantou-se e saiu.

Bebi uns tragos de aguardente, não quis jantar. Saí, fui ao jornal, entrei para uma sala de projeção, mas não via o filme. Quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba. Encontrei Moisés à saída. Às onze horas, estava no Helvética, bêbado. Chamei uma rapariga magra e feia para sentar-se comigo. Paguei-lhe o lanche e fomos para a casa dela, na Rua da Lama. No quartinho sujo, pensava no dinheiro gasto, sentia o veludo da caixinha de jóias nas minhas mãos dentro do bolso. A rapariga era mesmo feia, acabada, uma infeliz. Como pudera me deixar enganar tanto? Melhor assim: perdera o dinheiro, mas conservara a liberdade. A moça não quis receber, não tínhamos feito nada. Insisti com raiva, dei-lhe dez mil-réis, só me sobraram quatro.

A princípio, Marina me convenceu de que eu não tinha razão, tinha era falta de confiança. Não queria ser injusto, não tinha provas e as aparências enganam. Sufoquei o seu choro com as jóias; ficou tão feliz que cheguei a estranhar a repentina mudança. Mas não quis marcar o casamento, desculpava-se que ainda faltavam coisas. Fiz a lista, comprei do mais barato, a prestação, com o tio de Moisés. Quando lhe levei os trapos, nem quis vê-los direito, ficaram jogados sobre a cadeira. Ela, muda, sequer usava o relógio e o anel que lhe dera na véspera. Provavelmente estava longe, pensando no homem que lhe daria tudo aquilo que eu nunca poderia dar. Lembrei-me de cenas do meu passado miserável, da pobre mulher da Rua da Lama. Prostituição pior era se casar por dinheiro. Levantei-me e fui embora.

Por que Marina não procedeu com franqueza? Eu teria sofrido despeito, mas não seria esta miséria, recordação de coisas mesquinhas. De todo aquele romance, guardo na memória o cisco, a água empapando a terra, urubus na mangueira farejando ratos mortos no lixo amontoado no quintal. Tão morno, tão chato! Não se falou mais em casamento. Marina foi se desembaraçando de mim aos poucos. À tarde, me embromava; pela manhã, plantava-se na janela e se enxeria com Julião Tavares. Comentei o escândalo com D. Adélia, para torturá-la, mas a velha era uma coitada. Eu devia era mudar de casa. Como trabalhar com o barulho inconveniente dos ratos devorando o guarda-comidas e os meus livros? Eram em número cada vez maior, uma chiadeira infernal, e cada vez mais atrevidos, vinha roer minhas sandálias. À noite, havia também o barulho da rede de Marina rangendo, talvez ela estivesse nua, por causa do calor. Nenhum romance conseguia me livrar do tormento. Ela devia pensar nas banhas de Julião, inútil, preguiçoso, discursador.

Em um mês, éramos inimigos. Tentei reparar em outras mulheres na rua. Até cheguei a me interessar por uma datilógrafa de olhos verdes de gato, com quem cruzava sempre na rua, mas ela sumiu por uns tempos. Julião metera-se na casa, contra a vontade de Seu Ramalho. À noite, levava presentes para as mulheres, embrulhos, latas, talheres. Eu ouvia as risadas, as conversas, os discursos pastosos do canalha. A vizinhança já comentava. Punha-me a passear pelo corredor, olhando para a biqueira dos sapatos e para um cano que vazava, esticado como uma corda, rente à parede. A voz de toicinho cru de Julião Tavares atravessava as paredes e me atormentava. Mas me concentrava era nos silêncios dos jantares; que indecências não estariam praticando? Tentava pensar em outras coisas: os crimes depois da revolução de 30, Moisés desaparecido por causa da perseguição, Seu Ivo que me furtara uns pratos, a datilógrafa de olhos verdes que sumira, a menina da Rua da Lama que fora parar no hospital. Mas a voz oleosa me perseguia, a gordura se derramava pelas paredes. Era preciso dar cabo dela. Mexia-me, tossia. E olhava com insistência para o cano ao pé da parede, capaz de rebentar a cabeça de um homem, mas aquele, estirado, mais parecia uma corda.

Aos domingos, iam ao cinema, juntos, de braços dados. A vizinhança povoava as janelas para vê-los e comentar o passeio. Meu pensamento ia junto com eles, Marina e Julião Tavares se esfregando pelo caminho; na sala de espera, todos invejavam Julião Tavares, Marina fazia água na boca dos homens. Escurecia, eu me debruçava na janela. O vento gemia nos arames da companhia de eletricidade do Nordeste. Onde andaria a datilógrafa de olhos agateados? Sonhava em encontrar e proteger aquela moça, constituir família. Eu devia acabar com aquela maluqueira e ir para a farra. Seu Ramalho vinha puxar conversa. Eu ouvia os arames e pensava em cordas. A literatura para políticos da roça escasseava, eu precisava beber e me endividava cada vez mais. Mas em que eu pensava mesmo era na miséria antiga. A fome, a humilhação, os devaneios. A noite passava, os arames balançavam como cordas. Lembrava-me da pensão de D. Aurora. Àquela hora, o Capitólio esvaziava, mas Julião Tavares e Marina demoravam, era tarde. Seu Ramalho brigava com D. Adélia, que chorava e arrumava desculpas esfarrapadas para defender a filha. Que diabos fazia eu ali, debruçada à janela, fumando?

O marido de D. Rosália era um caixeiro-viajante, moreno e calvo, que andava sempre no interior. Quando chegava, Antônia vinha avisar, então era uma semana ou pouco mais em que o casal vivia excitado. Era um amor ruidoso, indiscreto, que não me deixava dormir. Antes da minha cabeçada com Marina, eu simplesmente me arrumava e saía. Mas agora não conseguia arredar pé de casa. Passava o tempo pensando em me reconciliar com ela. Que me importa que tivesse sido de outro? Aquilo tinha sido um erro, mas todos erram. Não se faziam mais mulheres como Sinhá Germana, que havia sido somente de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que a amava como um bruto. Se ela voltasse, esquecida de Julião Tavares, poderíamos ser felizes. À noite, D. Rosália e o marido resfolegavam, atiravam-se um sobre o outro no quarto paredes-meias com o meu. Eu não conseguia dormir, esfregava-me no colchão cheio de pulgas. Tentava pensar em várias coisas e em nenhuma ao mesmo tempo. A guerra na Europa, Moisés se ocultando com medo da polícia, os discos novos que D. Mercedes comprara, onde andaria Seu Ivo, as botinas cambadas do Lobisomem. Tentava relaxar, transformar-me em um espírito boiando, livre da matéria. Tapava os ouvidos, mordida os lençóis. Tudo em vão. Um menino começava a chorar, urinava na cama, ouvia-se o som das gotas no chão. D. Rosália ralhava, o homem respirava arquejante, esperando o corpo da mulher se atirar de novo. Eu acendia mais um cigarro. Só um corpo boiando como o espírito de Deus sobre as águas.

Quantas horas duraria aquilo ainda? Resfolegavam como porcos. Sentava-me na cama, queria chorar. Queria sufocar aquele homem que estertorava no quarto ao lado. Queria apertar o seu pescoço, penetrar os meus dedos na sua carne, até que ele se imobilizasse, depois das convulsões e estremecimentos. Não me lembrava de Julião Tavares. Desejava apenas matar um homem que me roubava o sono.

À noite, Seu Luís e eu colocávamos as cadeiras na calçada e conversávamos. D. Adélia já antipatizava comigo. O velho contava histórias do seu passado: a mulher bonita de verdade no casamento, a primeira viagem no trem, que descarrilou no caminho, o sarampo de Marina, antes tivesse morrido, não dava desgosto à família. Atacávamos então as mulheres de hoje, estragadas pela falta de religião e pelos beijos de língua do cinema. Contávamos causos horríveis de antigamente, vinganças medonhas por causa de mulher. A grande história de Seu Luís era de um moleque de bagaceira que arrancara os tampos da filha do senhor de engenho. O cabra fora amarrado e torturado de faca a noite toda. De madrugada, arrancaram os quibas dele e enfiaram garganta abaixo, depois arrancaram seus beijos, então cortaram-lhe a veia do pescoço. Enquanto Seu Luís contava, formava-se na minha mente a visão de uma figura nua e preta no calçamento da rua, toda retalhada, sem beijos, o sangue escorrendo. Seu Luís partia para o seu turno na usina elétrica, a figura no calçamento ia se tornando branca e balofa, o sangue estancava, as feridas saravam. Marina devia estar descansando na rede que rangia, deitada de bruços, as pernas abertas por causa do calor. Uma corda estava amarrada no pescoço branco da figura estendida na sarjeta, o laço ia se apertando, ele arquejava, os olhos abotoados, a cara roxa, dentes à mostra.

Quando a companhia lírica chegou à cidade, eu estava arrasado de dívidas. Não me sobrava ânimo para voltar às coisas do jornal, liquidar as contas, equilibrar a vida. Nunca me interessei por música, mas no dia da estréia um rebuliço tomou conta da casa de Marina. À noite, ela entrava em uma limusine onde estava Julião Tavares, o carro partia deixando um cheiro de gasolina e perfumes. Durante cinco dias a cena se reproduziu. Eu saía de casa, andava à toa, tomava chuva fina da Praça dos Martírios, subia a Ladeira Santa Cruz e tentava me misturar aos vagabundos que tomavam cachaça. Inútil. Eu não era um deles nem era aceito por eles. A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros. Minhas misérias ficaram no passado, agora eu era um parafuso insignificante na máquina do estado. Recolhia-me ao canto mais escuro e ficava reparando nas figuras do boteco, então o passado retornava: meu susto ao descobrir o tamanho das ruas da vila, as brincadeiras dos meus companheiros, alunos de Mestre Antônio Justino, das quais eu não participava, por que meu pai não deixava; eu não passava de um menino grande, besta e envergonhado. Levantava-me meio bêbedo, desconfiado de tudo que me rodeava. Insuportável.

O último dia foi medonho. Quando a limusine saiu, minha falta de desejo misturou-se à carteira completamente vazia. A camisa de Julião Tavares brilhava e não amarrotava, ele era duro como um osso engessado, o espinhaço apumado, olhava em frente com segurança. Minha camisa estufava no peito, quando caminho, abaixo a cabeça, não há jeito de minha espinha ficar direita. Mas sou um bípede! Que se danem os três meses de aluguel atrasado ao Dr. Gouveia, se cruzar com ele, finjo não vê-lo; também não me curvaria ao Secretário ou ao Governador. Já comi tocinho com mais pelo! Que será do meu futuro, quando a revolução proletária chegar? “Camarada Luís da Silva, você escreveu um artigo defendendo o imperialismo. Você elogiava os políticos safados do interior, os prefeitos ladrões. Onde está o dinheiro que essa gente lhe deu?” Sabia lá! Não tinha mais dinheiro. E o que eu queria era poder ir também ao teatro. Mas precisava de um empréstimo. Por que Moisés ou Pimentel não apareciam? O pagamento estava próximo. Julião Tavares seria enforcado quando viesse a revolução. Marina iria trabalhar no Asilo das Órfãs. O que eu precisava era de vinte mil-réis. O espetáculo devia estar começando. Lembrei-me das nossas entrevistas no quintal à noite, Marina quase sem roupa, curvada, cobrindo os peitos com as mãos. Ali perto da raiz da mangueira, ao pé da cerca, Vitória escondia os seus cobres, sua fortuna. Tempo sem fim à janela olhando os carros. Precisava de dinheiro. Vitória preparou o café e foi deitar-se. A platéia devia estar quase cheia. Afinal Vitória enterrava o meu dinheiro, que roubava, mas é certo que depois devolvia. Decidi-me a ir pisar a terra que Marina havia pisado, encostar-me ao tronco da mangueira onde ela estivera nua, enrolada na escuridão, torcendo-se por causa dos meus beijos por todo o seu corpo, o corpo todo coberto de carocinhos miúdos como pontas de alfinetes. Eu rangia os dentes, pisava com força o chão que escondia o tesouro de Vitória. Os olhos de um gato brilhavam na escuridão, redondos e fosforescentes. Uma ação indigna.

Procurava afastar essa idéia do pensamento. Marina se mostrava e mostrava a roupa e o lorgnon no teatro, provavelmente estaria amolada com o espetáculo. As minhas mãos encontraram-se esgaratando a terra, enquanto os olhos do gato cresciam assustadoramente sobre mim. Que diabos, o dinheiro foi feito para circular. Depois eu devolveria tudo, em dobro. Sentia-me um estúpido, não parava de cavar, os olhos do gato cresciam. Tinha quase certeza de que, se fosse ao teatro, Marina voltaria para mim. Estava decidido. Aprofundi a cova até topar com as moedas. Havia de todos os tipos. Apanhei um punhado de mil-réis, vinte mil-réis e duas libras esterlinas. Um roubo, mas devolveria tudo em dobro. Fui ao banheiro, lavei as mãos, saí para a rua secando-as no lenço, as mãos cheirando a azinhavre, sujas de terra. Porcaria.

Levei o desespero a uma alma que vivia sossegada. Quando recebi o ordenado, repus o dinheiro de Vitória, cento por cento, cinqüenta e dois mil-réis e as duas libras esterlinas. Paguei o salário dela. Como todos os meses, começou a agitação para enterrar as suas moedas. Mas ela desconfiou, desenterrou tudo, passou a noite contando e recontando o dinheiro; a diferença roubara-lhe o sono. Não conversava mais com o Currupaco. Estava mais velha e muito bamba, as covas estavam revolvidas e mal cobertas. Seu céu havia sido violado.

As visitas de Julião Tavares foram escasseando e a alegria ruidosa de Marina aos poucos desapareceu. Uma tarde, encontrei-a engulhando junto ao mamoeiro, feia, amarela, torcendo-se, tentando vomitar, cuspidando à toa na roupa.

Um acidente dissipou a fumaça dos meus olhos. Caminho como um cego, sem nada ver ou ouvir. Estou constantemente esbarrando em gente nas calçadas, quase sendo atropelado por choferes na rua. Quando isso acontece, minha reação é de vergonha. “Perdão! Perdão!” A multidão me é hostil e horrível, à noite, na cama, me assombram os pensamentos confusos. Entre a Rua 1º de Março e a do Comércio, tive uma colisão feia, a aba do meu chapéu feriu-lhe a testa ou olho. Afastei-me para deixá-la passar, mas o vulto da mulher gorda, amarela, mal vestida, pés sujos e inchados, com uma barriga monstruosa, agressiva, não me saía da cabeça. A princípio, dei risada, era mesmo de espantar a coragem da mulher, andar por ali com aquela criança pronta para nascer. Depois tive pena, seria uma coitada de subúrbio, iria parir sem a ajuda de ninguém senão dos vizinhos que a amaldiçoariam, o marido não se importaria, levantar-se-ia três dias depois e trabalharia o tempo todo com a criança pendurada ao corpo. Aos poucos, o vulto da mulher foi se transformando e a imagem de Marina formou-se nítida em minha cabeça, com a mesma barriga. Se encontrasse Julião Tavares naquele dia, um de nós teria ficado estirado na rua.

De manhã, costumo ficar duas horas sentado no cimento do banheiro, nu, fumando. Nestes momentos, dão-se grandes revoluções na minha vida: tomado de megalomania, escrevo um livro notável, que provoca amor e ódio dos críticos, torno-me famoso. Isto me irrita, pois passo o resto do dia com a cabeça no mundo da lua, sem fazer nada direito. O banheiro da casa do Seu Ramalho é separado do meu por uma parede estreita. Posso distinguir com facilidade as pessoas que se banham lá. Mesmo depois que Marina brigou comigo, nunca deixei de esperar aquele momento e dedicar a ele uma atenção concentrada. Era capaz de distinguir cada momento do seu banho ruidoso, alegre, estabanado. Agora estava reservada e silenciosa. Cuspia, soluçava, chorava, lamentava-se, rogava a Deus e aos santos. Eu sentia raiva, aborrecimento, piedade e nojo. Assim como a imagem da barriga crescendo, enorme, não me saía da cabeça, ela também devia sentir os pés e os seios inchando, as formas da criança comprimindo seu corpo. D. Adélia veio dar pancadas à porta, provavelmente já desconfiava, mas não queria acreditar em infelicidade sem remédio. Marina pôs-se a lavar e cantar uma cantiga rouca, estrangulada, medonha. Não adiantou, a mãe obrigou-a a abrir. Ficaram as duas cara a cara, depois de um silêncio, Marina pôs-se a chorar e entregou tudo. A velha lamentou, mas a filha arremetia contra a mãe, arfando, despejando sobre ela sua infelicidade. D. Adélia quis se impor: “Me respeite, Marina”. Mas como respeitar aquela coitada que um dia fora jovem e bela, mas que a vida transformou numa bola de sinuca jogada pra lá e pra cá, escangalhada, uma desgraça que arrastava seus medos pelo mundo, que sofria pelo resto de dignidade que possuía? As duas choravam, eu queria chorar também, pela sorte delas e pela minha.

Nem uma única vez elas aludiram a Julião Tavares: as duas mulheres eram fatalistas e queixavam-se da sorte. Isto me revoltava; era evidente que Julião Tavares devia morrer, e esta idéia entrava-me na cabeça como um prego atravessando os miolos, dor terrível inutilizando as minhas idéias. D. Adélia e Marina

estavam, aos meus olhos, justificadas. Mas Julião Tavares merecia morrer. Os músculos de mestre Domingos eram do meu avô, mesmo depois de 88. Muitos negros fortes rondavam a nossa casa, filhos dele com as escravas que tinham se ido da casa, exceto Quitéria, que continuou a parir filhos que interessavam ao meu avô, mesmo não sendo mais seus. Mesmo decadente, Trajano impunha respeito aos cangaceiros e aos proprietários vizinhos. Lembrava-me disso e sentia vergonha, os meus muques eram reduzidos, não tinha força nem ânimo, só sabia obedecer. Pensei na cascavel que se enrolara no pescoço do velho Trajano. Quando ela se desenroscou, meu pai Camilo a matou, Quitéria jogou-a longe. Quitéria estava morta, os filhos dela e de outras pretas começavam a desacatar os descendentes dos antigos, em bandos que aterrorizavam o interior do Nordeste.

Seu Ivo apareceu aqui em casa, faminto, meio nu e meio bêbedo. Trouxe-me de presente uma peça de corda que achou na rua. De início, achei aquilo um despropósito e quis recusar o presente. Insultei mesmo Seu Ivo e fiquei zanzando pela casa, ou em volta da mesa, enquanto ele comia. Eu estava perturbado, um desconchavo nos modos e nas idéias. Seu Ivo comeu tudo e foi cochilar acocorado junto à parede, perto do cano d'água. Recordei-me da morte de Fabrício, cangaceiro compadre de meu pai; fugi de casa e fui ver o corpo na cadeia pública. Nunca um defunto me causaria tão viva impressão quanto aquele – eu veria muitos depois. Marina balançava-se na rede, sentei-me à mesa e aproximei a mão da corda. Na vila eu vira muitos defuntos acabados a tiro e faca, trazidos para a delegacia. O povo juntava pra ver o cortejo. Depois do morto, vinha o assassino, imobilizado, os braços amarrados ao tronco, como um bicho, ventas franzidas, mordendo os beijos, dando puxões na corda e grunhindo. Se fosse um ladrão de cavalos, um ladrão miúdo, apanharia com cipó no lombo, até sangrar, mas um criminoso de morte merecia consideração e admiração. Vitória tirou o prato, olhei de novo para a corda. Quando eu era pequeno, ficava trepado no último pau da porteira, torcendo para as laçadas de Amaro, que sempre conseguia prender o animal, com uma habilidade impressionante. Seu Evaristo era um homem muito velho, tinha vivido em boas condições, mas aos setenta anos passava necessidades. Andando, curvava-se de fraqueza, precisava abraçar-se à mulher para diminuir o frio à noite. Uma comissão da vila arranhou-lhe uma subscrição. Ele, orgulhoso, plantou uma rocinha no quintal e dispensou o dinheiro assim que terminou o inverno. Depois veio de novo a privação. Um dia, sem conseguir trabalho, foi até Seu José Inácio pedir esmola. O dono da padaria estava zangado naquele momento, tratou-o brutalmente, do que depois se arrependeu. Seu Evaristo pegou o pão velho que Seu José Inácio lhe deu, levou-o para a sua velha roer. Quando ela se deitou, passou a mão na corda. Seu corpo magro amanheceu pendurado em um galho de carrapateira. Eu não consegui chegar muito perto, assustava-me aquele corpo balançando, suspenso por uma corda fininha, como aquela sobre a mesa, ao alcance da minha mão. Peguei-a, enrolei e botei no bolso. Fui acordar Seu Ivo e colocá-lo para fora.

Julião Tavares entrava no café. Eu afetava desprezo e ficava olhando sua cara refletida no espelho, riscada pelas letras brancas nele pintadas. Tentava me distrair embaralhando as letras e criando palavras novas, hábito de que não consigo me libertar. Depois que Julião Tavares desapareceu, passei a seguir Marina pelas ruas, tinha certeza de que ela ia se encontrar com ele, mas isso não acontecia. Seguiu-a, sentindo-me seguido por Julião. Minhas mãos apertavam a corda que ficara no meu bolso. O Doutor Chefe de Polícia estava no café. Meu desejo era passar a corda pelo pescoço de Julião Tavares. Que me podia acontecer? Medo da prisão? Minha vida lá não seria pior, exceto pela sujeira: tenho horror à sujeira, às grades pretas e sujas, ao bolor e cheiro horríveis. Se me dessem água, tudo poderia suportar. Medo de Julião Tavares? Não, ele estrebucharia um pouco, mas seu corpo balofo ficaria roxo em cima do mármore da mesa, com a língua para fora. Medo da opinião pública? Não há opinião pública, há pedaços de opinião contraditórios, manipulados por jornalistas como Pimentel, como Luís da Silva. Mas com certeza temia tudo isso, estava no meu sangue, que não preservava a força dos meus antepassados sertanejos. O guarda-civil não me bateria, apitaria, pois é um covarde. Se o guarda-civil fosse corajoso, estaria pelo interior combatendo os sertanejos que espalhavam a desordem e aterrorizavam. Se precisasse atirar contra grevistas, faria-o tremendo. Assim como eu sapeco minha literatura de encomendas, constrangido, sabendo que pratico safadeza. Julião Tavares era uma figura importante demais, um sujeito que fazia receio matar.

Nas horas de serviço, conseguia distrair-me. Na repartição, movemo-nos como peças de um relógio cansado. Tudo era vagaroso e sonolento. Na hora do almoço, saía para a rua e as pessoas esbarrando-se

sugeriam-me que a cidade estava em cio. Aterrorizava-me pensando no que podia ter acontecido durante aquelas três horas em que passara fechado no serviço. Ia para casa, fingia comer alguma coisa, abalava para a rua. No café, sentava-me no meu lugar, pedia um maço de cigarros e conversava com Pimentel e Moisés, que vinha com a mesma história da literatura como instrumento de propaganda política. Aquilo me enervava. Enfiava a mão no bolso do paletó e encontrava a corda. Onde seu Ivo arranjara aquilo? Precisava jogá-la fora. Pimentel não discordava de nada. Eu estava lesado, mas às vezes tinha ganas de enforcar Moisés com a corda. A tranquilidade era pouco a pouco substituída por uma inquietação que me tornava brutal com os companheiros. Instabilidade, ruína, o mundo perdido. Levantava-me, ia até a Rua do Macena, entrava em casa, demorava-me até perceber sinais da presença de Marina. Voltava ao café. Se não encontrava Julião Tavares, saía pelas ruas, a procurá-lo.

Marina caminhava depressa, voltava-se como se estivessem seguindo-no, escondia-se; quase a perdi de vista. Entrou em um bairro que era uma desgraça, casas sujas, mato nas calçadas e maloqueiros aqui e ali. “Proletários, uni-vos”, estava escrito em uma das casas, sem vírgula ou traço, o que me irritou profundamente; se viesse a revolução, bárbaros que escreviam assim acabariam comigo. Marina parou diante de uma casinha baixa, a placa dizia: “Albertina de tal, parteira diplomada. Entrei em uma bodega e esperei. Tentei puxar conversa com o homem da venda sobre as pichações; de nada adiantou. A placa da casa era velha e amassada. D. Albertina faria a operação para restabelecer as regras de Marina. Como seria ela? Magra, pálida, correta, educada. Pensei na humanidade ficando pulha, nos meus parentes, D. Adélia e Seu Ramalho gemendo a vida, brigando por causa da filha. D. Albertina podia ser uma velha gorda, mole, sem diploma nem prática, mal educada, nojenta, resmungona, machucava brutalmente o corpo de Marina com a mão de unhas sujas. Paguei a conta do bar e comecei a explicar para o homem da venda o que queriam dizer as pichações, o filho de Marina e Julião Tavares não nasceria, não viria ao mundo para sofrer como tantos outros.

A porta abriu-se e Marina saiu. Atravessei a rua e cheguei-me a ela. Estava calor, a areia era muito fofa. “Faz favor?”, disse pela segunda vez e ela parou um instante. Tentei conversar, mas ela apressou o passo; insultei-a: “Putal!”, disse várias vezes. Dizia-lhe o insulto, mas estava cheio de piedade. Não sentia cólera, o que sentia era desgosto. Insultei-a ainda muitas vezes, incitava-a a caminhar mais depressa na areia fofa. Nada se fixava no meu espírito. Imagens do passado, da minha rua, Marina nua. Insultei-a outras vezes, ela me pediu que a deixasse. Imaginei-a sendo julgada pelos seus atos. Mas ela seria absolvida, seu caso não era importante, teriam pena dela. Entramos na cidade e separamo-nos. Imaginei que ela se ia juntar com o amante.

Descobri por acaso que Julião Tavares tinha feito nova conquista. Imaginei exasperado que seria a datilógrafa de olhos verdes. Eu a via grávida, apelando aos serviços de D. Albertina. Julião Tavares andava depressa, com espalhafato. Enraivecia-me com os sorrisos que as pessoas, por subserviência, lhe distribuíam pelas ruas. Que fim teria levado seu Ivo, sempre pedindo, furtando, bebendo pelos caminhos que corria em fazendas e povoados. Eu apalpava a corda que ele me dera, repousando no fundo do bolso do paletó. Lembrava as noites que Julião Tavares me roubara com sua voz mole. Enfim descobri a sua nova amante, uma criaturinha sardenta que trabalhava em uma loja de miudezas. Em breve estaria de barriga, visitando D. Albertina. Julião lhe daria algum dinheiro para calar-se, e receberia um sermão de Tavares pai.

A casa era em Bebedouro, pequena, isolada. Julião Tavares chegava alta noite. A ligação durou pouco, não chegou a despertar suspeitas. Julião saía e caminhava pelos cantos escuros. Tinha um jeito de andar, de sentar-se no bonde, de falar que davam-me a impressão de que tudo em roda era dele. Julgava-se superior por ter deflorado várias meninas pobres, imaginava-se dono delas. Mas Marina não era dele, ela valia o que tinha valido antes de engravidar. Inútil querer acreditar nisto. Ela tinha descido, caído, habituava-se a esgueirar-se, pedir desculpa, no futuro seria um trapo como D. Adélia.

Fui até o fim da linha do bonde, parei com se não tivesse mais corda. Sentia-me cansado, mas era como se uma vontade estranha me obrigasse a andar. Tomei o caminho de volta, para espreitar a saída de Julião Tavares. Dei pela falta de cigarros, as bodegas estavam fechadas, só a corda no meu bolso. Idiota! Besta! Seriam duas horas e neblina. Lembrava-me do cangaceiro Cirilo da Engrácia, cuja foto vira nos jornais, pendurado pelo pescoço a um pau. Perto da casinha, vi um vulto tomar o caminho dos trilhos da estrada de

ferro. Via-o andando, Julião Tavares parecia um balão de São João perdido na poeira de água. Lembrei-me das festas da minha infância na fazenda. Apressei-me para segui-lo, em breve ele estaria na cidade, em lugares iluminados, em segurança. Meu cansaço desaparecera. Ele andava sossegado, com segurança. Eu sentia um desespero de fumar. Se me encontrasse com Julião de dia, eu me encolheria e me afastaria como um bicho inferior. Mas agora era diferente, minha raiva crescia, como a de um cangaceiro emboscado. Como José Baía, cangaceiro amigo de meu avô que me contava histórias de onças no alpendre de casa. Senti fraqueza e saudade. Onde estarás, José Baía? Queria gritar e avisar Julião Tavares do perigo, mas não conseguia. Sua tranquilidade pelo caminho me encolerizava; então eu não era nada? Eu era um homem! Por que ele não fugia? Em vez disso, parou e acendeu um cigarro, aquilo me endoidecia. Não conseguia me livrar dos instintos ruins. Pensei em José Baía preso por detrás de grades negras e pegajosas.

Retirei a corda do bolso e em alguns saltos silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, ele debateu-se. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Uma alegria enorme encheu-me. Tudo em volta era insignificante. Tinham-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam me convencido de que só podia me mexer pela vontade dos outros; todo o meu passado virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava, caía nas folhas secas do chão. Eu tinha os braços doídos e as mãos cortadas. Veio-me a lembrança de Seu Ivo. Larguei o corpo, que foi bater numa cerca. Que horas seriam? Necessário continuar a marcha. Mas o que faria com o corpo? Agucei o ouvido. Só o zunzum dos mosquitos. Queria ver o rosto do corpo. Era inconveniente ficar ali. Devia ir me deitar, ouvir os urros do marido de D. Rosália, que estava em casa. Quitéria dizia: “Matos têm olhos, paredes têm ouvidos”. Se viesse alguém? Como seria meu julgamento? Sentia meu suor aumentar na friagem. Seu Evaristo, José Baía, Cirilo da Engrácia vinham-me à cabeça. Meus dentes batiam e faziam barulho. Comecei a cavar com as mãos uma cova para Julião Tavares, mas a idéia me pareceu disparatada. Tive um lampejo: amarraria a corda ao pescoço do morto e o deixaria pendurado em um galho, como suicida. O trabalho de erguer o corpo foi penoso e enjoava-me. Os jornais dariam tarjas grossas para falar no suicida. O enterro seria complicado e disputado. Haveria discursos complicados no cemitério. Colunas de mármore no túmulo. Apareceram vozes na estrada ou eu estava tresvariando? As grades da cadeia são tão imundas que a gente não pode tocar. Eu ofegava e falava alto, desesperado. Homens e mulheres se aproximavam, vinham da farra. Alguém esbarrou no corpo de Julião, mal estirado no escuro, debaixo da árvore, com os pés ainda no chão, e pediu desculpas. Eu puxava a corda com força, minhas mãos feriam. Trinta anos de prisão. O corpo de Julião Tavares balançava como o de Seu Ivo, quando bebia. Comecei a repetir para mim mesmo: “Não há perigo, nenhum perigo”. Com um esforço desesperador, consegui suspender o corpo. Escorreguei pela árvore arranhando-me no tronco. Caí sobre as folhas secas. A idéia do perigo que corria me desesperou, comecei a chorar e soluçar. Onde colocara o meu chapéu? Saí dali amparando-me à cerca. Não conseguia correr. Estava certo de que homens e mulheres me acompanhavam. Reuni forças para correr, uma carreira bamba e trôpega, a boca aberta, contrações na carne enregelada. Corria e chorava. Meu chapéu tinha ficado pelo caminho? Trinta anos de cadeia. Insuportáveis os zumbidos e as ferroadas das carapanãs. Tropecei e parei. Para onde estava indo?

Topei com um vagabundo num bueiro. Não senti medo. Mendiguei um cigarro. Queria chegar em casa e embriagar-me. Tentei conversar, mas o vagabundo ignorou-me. Entrei na Rua do Apolo. Minha calça estava rasgada na altura do joelho, a roupa preta suja de limo e terra, as mãos pretas de limo, terra e sangue. Marchava para casa mas ela não chegava. Se alguém me visse, alguma testemunha, estaria perdido. Um bom advogado me salvaria, mas eu não tinha dinheiro para contratá-lo. Pensei em voltar todo o caminho, aceitar as grades pretas e sujas. Tudo se sumiu quando cheguei em casa. Estava sujo como um porco. Lavei as mãos lentamente, porque dóiam muito. Bebi um gole de aguardente e fui me lavar no tanque. Pisava como um gato. Precisava dormir, recompor-me. Continuei a beber, atordoado. O relógio bate, acho que três pancadas. Tudo que eu avistava estava enevoado. Fechei os olhos, um rumor enchia-me os ouvidos. Impossível dormir. Tentei limpar as unhas sujas de terra. Tentei encaminhar o pensamento para outras coisas: minhas dívidas, um artigo que Pimentel me pedira. O Lobisomem de sapatos novos. D. Rosália e o marido. Dar uns cobres do salário para Moisés. Bebi o resto de aguardente. O estômago recusou. Encostei-me à

mesa para não cair. Suava frio. Alguém batia à porta. Quem poderia ser? O relógio bateu meia hora, depois quatro. Levantei-me, arrastei-me até o quarto e tombei na cama, pesado, como um morto.

No dia seguinte, amanheci com febre. Mandeí Vitória telefonar à repartição, levar a roupa suja à lavadeira. Desfiei a gravata da noite anterior e joguei-a no quintal. Cortei as unhas e limpei as mãos feridas. Tudo corria como sempre na rua. Sentei-me à janela, fechada, e pus-me a espiar o movimento da rua. Desejei ver Seu Ivo. A mulher das garrafas e o homem que enchia dornas trabalhavam. Espiavam-me? Observava a rua pelas gretas da janela. Sentia uma sede horrível mas não tinha forças para ir até a moringa. As coisas ferviam em minha cabeça. Biqueiras de sapatos apareciam na rua, viriam em direção à minha porta? Fui escovar a calça rasgada e o paletó. Pensava no bacalhau que serviam na prisão. Não precisariam me apertar muito para que eu confessasse. Na prisão, escreveria um livro, seria considerado. A rua agora estava tranqüila, mas em outra rua havia lágrimas, desespero e cabelos arrancados. Algumas pancadas na porta. Estava perdido. Arrastei-me até ela, mas era apenas um mendigo, que enxotei irritado. Mendigos canalhas e preguiçosos, safados. Voltei para a mesa. Aguardaria outras pancadas, até que chegasse a polícia. Por que demoravam tanto? Por que me torturavam? Na prisão, escreveria um livro. Como Vitória se demorava! Meu pescoço doía, a cabeça tombou num cochilo. Tinha sede, arrastei-me até a moringa e bebi alguns copos de água. Rumor de carapanãs e tropel de cavalos enchiam-me a cabeça. “Sou uma pessoa muito hábil”, repetia em voz alta. Idiotice. Não passava de um homem que dizia “Perfeitamente” a tudo, toda a vida. Olhei a garrafa de aguardente vazia. Da casa de Seu Ramalho, vinha um rebuliço. Mas eu não tinha nada a ver com aquilo. Vitória voltou, mas isso não importava. Precisava me trancar, enrolar-me nos lençóis, até a febre passar. As telhas dançavam. “Não fui eu”, gritei recuando e tropeçando na cadeira. Um frio agudo percorreu-me a carne. Os braços e as mãos doíam-me. Vitória cortava carne em cima da mesa preta da cozinha. A mesa do necrotério. As minhas mãos em carne viva. “Vitória, vou deitar-me, estou sem fome. Dê a comida a algum maloqueiro. Estou muito doente.”

Certamente fazia semanas que eu me estirava no colchão, longe de tudo. O tempo do dia se via que passava pela réstia de sol que caminhava pelo quarto. À noite, eu escorregava nos silêncios, mergulhava neles, afundava, boiava, tentava me manter à tona. O som de uma vitrola me remetia às cantigas de ninar de minha mãe. De repente, eu me via uma lagartixa desprecando da parede. Lembrava-me de figuras irreconhecíveis curvadas sobre a cama. Um homem sem rosto, sentado na cadeira, falava muito e me incomodava. Certamente eu dizia coisas sem nexos. Caía em um buraco ao pé de uma cerca, descia e subia por ele flutuando entre flores que choviam silenciosamente. Esforçava-me por abrir os olhos. Havia um livro sobre o colchão. Chorava, batia com a cabeça no ferro da cama, minhas mãos compridas e sujas cicatrizavam. Dagoberto, a sentinela do Palácio do Governo, Amaro vaqueiro, cabo José da Luz – todos dançavam à minha frente. Provavelmente Moisés deixara aquele livro sobre o colchão. O cego dos bilhetes de loteria, a mulher da Rua da Lapa, o Lobisomem. Antônia, Rosenda. Todos se confundiam. O livro era incompreensível, talvez escrito por um, por vários chineses. A cadeira suja de poeira, a roupa suja de poeira. Queria levantar e vestir-me. Um nome estranho. Quem o havia dito? Fernando Inguítai. Não queria comer, só queria água. Ficava suando e arquejando debaixo das cobertas. O barulho do descaroçador de algodão, da prensa. O corpo morto do meu pai, a batina de Padre Inácio, o capote do velho Acrísio, o vestido vermelho de Rosenda, as carapanãs enchiam-me a cabeça. Onde tinha ouvido aquele nome de Inguítai? Morria de sede. O contínuo velho da repartição, D. Adélia, Albertina de tal. Os caibros engrossavam, havia letreiros velhos e novos. Onde estava a minha roupa? Queria sair pelas ruas, ler jornais, beber cachaça. Seu Ivo viera me visitar. Viera? O homem na sala esperava paciente que me restabelecesse. Tentava levantar-me. Um estremecimento, uma queda. O espírito de Deus boiava sobre as águas. Os caibros retorciam e desciam sobre mim como cobras. A vitrola cantava: “Fernando Inguítai”. Os reisados cantavam defronte a casa de Seu Batista, que não abria. O zumbido das carapanãs. “Água, Vitória”. Seu Ivo se acorava a um canto. Pimentel não aparecia? Os reisados realizavam a função, depois iam arrastar enxada no eito. Quem se chamava Fernando Inguítai? As cascáveis e jararacas do poço da Pedra e aquela que se enroscou no pescoço do meu avô. Ria-me como um idiota. Encontrões na porta do Instituto Histórico e Geográfico. O cego com o cajado gritava o número de loteria: 16.384. Moisés lia alguma coisa. Passavam chineses armados à minha frente. Os ratos do armário roíam o disco da vitrola que dizia baixinho: “Fernando Inguítai”. Moisés lia

para mim, bom amigo. Eu dizia coisas sem nexos, arrependia-me. Ele me tomava por criança. Mas por que esbugalhava os olhos para mim? Moisés levantava-se, mas eu não queria que ele fosse embora. Acabáramos rompendo. Eu batia os dentes. As paredes estavam cobertas de letreiros de piche, as letras moviam-se. Ameaças de greve, legendas subversivas incontáveis. Algumas como cobras de olhinhos miúdos e chocalhos. A mulher que lavava garrafas e o homem que enchia dornas, a datilógrafa de olhos esverdeados, as filhas do Lobisomem, Antônia, a mulher da Rua da Lama. Um choro longo subia e descia: “Que será de mim? Valha-me Nossa Senhora”. Um moleque torturado pelo senhor do engenho. O cego dos bilhetes: 16.384. Cirilo da Engrácia. Alguém pedindo para afastar a cadeira. O paletó e a calça cor de piche. Um ventre enorme na parede. O dono da bodega, triste. Uma rapariga pintada de vermelho espalhava um cheiro esquisito. Passos na calçada. Quem ia entrar? Quem tinha negócio comigo àquela hora? Vitória devia fechar as portas e despedir o hóspede que estava na sala. Mas Vitória contava moedas. Rosenda, cabo José da Luz, Amaro vaqueiro, o reisado, vagabundos diversos, tudo estava na parede, fazendo um zumbido de carapanãs. José Baía acenava-me de longe, sorrindo, chamando. Começava uma marcha, no que era seguido pela multidão que fervilhava na parede, vinham deitar-se na minha cama. Quitéria, sinhá Terta, o cego dos bilhetes, o contínuo, cangaceiros e vagabundos. Fernando Inguitai vinha deitar-se na minha cama. “José Baía, há que tempo!”. Crianças corriam em torno da barca, acomodavam-se todos. 16.384. Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e não queria molestar ninguém. Íamos descansar. Um colchão de paina.

# Personagens

## Luís Pereira da Silva

Neto de um decadente senhor de engenho e filho de um pequeno comerciante falido e prostrado; depois da morte do pai, vaga por fazendas do interior ganhando a vida como alfabetizador, até chegar à cidade grande, onde sobrevive de esmolas e pequenos trabalhos como revisor. Enfim, consegue um emprego público que lhe garante uma renda mínima para sobreviver. Luís da Silva vive em um “mundo fechado”, é um introvertido de personalidade marcada por recalques e complexos de inferioridade, que o leva a subestimar-se sempre, sente-se um fraco, impotente, vencido. A auto-análise depreciativa faz com que ele vá se afastando de tudo e vivendo cada vez mais do passado e da sua imaginação, principalmente do sonho impossível de ser um grande literato. A evasão é uma forma de compensação da realidade que não consegue encarar (“Sou uma besta. Quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba.”). Sua narrativa é uma maneira de tentar amenizar a consciência culpada e angustiada por um crime que cometeu (o assassinato de Julião Tavares), após se envolver com uma vizinha (Marina); uma expiação do erro. Apresenta-nos a sua vida como um mosaico cujos fragmentos justificariam de diversas maneiras o crime que cometeu. Como veremos mais adiante, é como se ele estivesse submetido a um destino trágico, que determina sua maneira de ser e de agir; daí sua associação, ao final da narrativa, ao cangaceiro José Baía: criminoso, violento, mas boa pessoa. O crime, apresentado como uma quase necessidade em sua vida, não resolve a realidade que ele não consegue enfrentar, pelo contrário, só faz potencializar a sensação de angústia.

Os demais personagens podem ser divididos em dois grandes grupos: os do *presente* e os do *passado*. Observe que o número espantoso de personagens dá bem uma idéia da riqueza da exploração do universo exterior e interior em que se desenvolve a existência do narrador protagonista, Luís da Silva. A seguir, os personagens do *presente* que mais aparecem na narrativa:

## Marina

Vizinha de Luís da Silva, moça pobre e fútil, que explora a fraqueza da mãe e a incapacidade do pai de controlar as mulheres da casa. Namora Luís até que aparece em sua vida Julião Tavares, que a seduz facilmente com os luxos que pode proporcionar. Depois de engravidar, é abandonada pelo amante e faz aborto.

## Dona Adélia

Mãe de Marina, mulher que já fora bonita, agora reduzida a “um caco”, acabada pelos serviços domésticos e pelos desgostos que a vida lhe traz. Toma sempre o partido da filha, incapaz de se lhe opor. Acaba por assistir à decadência também da filha, que ao final adota sua postura resignada, cabeça baixa, olhos sem vida.

## Seu Ramalho

Pai de Marina, trabalha na usina próxima à rua do Macena. Arrebatado pelo trabalho, não consegue convencer a mulher e a filha da precariedade de suas condições e da impossibilidade de lhes dar o luxo que a filha praticamente exige. É um conformado com a miséria de sua existência.

## Julião Tavares

Filho de ricos comerciantes de Maceió, patriota fanático, de ideologia conservadora, é visto por Luís da Silva como uma figura quase asquerosa, com seu corpo arredondado e bem vestido de burguês ocioso e sua voz pastosa. Praticamente invade a vida de Luís, após um esbarrão numa noite de evento cultural.

Com Marina, dedica-se a uma de suas atividades favoritas: desonrar moças pobres e bonitas e, depois, abandoná-las, sempre protegido pelo poder que o dinheiro do pai lhe confere.

### **Dr. Gouveia**

Proprietário da casa onde mora Luís da Silva. À medida que o destino do protagonista se encaminha para a tragédia, torna-se uma fonte de preocupação, uma vez que o locador não consegue arranjar dinheiro para saldar a dívida do aluguel. É um índice, entre tantos outros, da miséria que vive a rondar o narrador.

### **Moisés**

Um dos poucos amigos de Luís da Silva, judeu que não nasceu para a exploração comercial (prova disso é o fato de evitar o amigo para não ter de lhe cobrar uma dívida de prestações), trabalha para um tio, vendendo fazendas (roupas e panos). Comunista, é perseguido a certa altura da narrativa pela polícia política do governo Vargas.

### **Pimentel**

Outro amigo, jornalista que trabalha para os poderosos da política, mudando seus textos de acordo com os desejos deles. Arranja para Luís alguns bicos com que ele complementa seu salário, em geral, escrever textos de encomenda para coronéis do interior envolvidos em disputas políticas.

### **Vitória**

Empregada de Luís da Silva, é uma velha quase surda, cujo mundo se reduz a conversas incompreensíveis com o papagaio da casa e à obsessão pelo salário que enterra sempre ao pé da mangueira do quintal, onde guarda uma mísera e inútil fortuna.

### **Seu Ivo**

Mendigo viajante, aparece e desaparece das casas onde o recebem, dando-lhe cachaça e comida. Tem o hábito de roubar coisas de uma casa para presentear outra. É ele quem traz para Luís da Silva a corda com que o protagonista cometerá seu crime.

### **Dona Rosália**

Vizinha, o marido viaja muito e aparece pouco, mas, quando isso acontece, o casal dedica-se a longas noites de atividade sexual, o que exaspera Luís da Silva.

### **Antônia**

Empregada de Dona Rosália, é uma morena sensual, sempre vítima de ilusões amorosas, volta e meia deixa a casa da patroa para tentar a sorte com algum homem, que a explora e espanca. Quando abandonada ou cansada, volta ao trabalho.

### **Dona Mercedes**

Vizinha, espanhola que recebe, às vezes, em casa, um amante rico, o que provoca a ira e a inveja de algumas mulheres da rua.

### **Lobisomem e suas filhas**

Vizinho velho, barbudo e encolhido, que se muda para a rua do Macena com três filhas ruivas, sujas e mal vestidas. Os hábitos reclusos da família levantam suspeitas e atizam a curiosidade da vizinhança.

### **A prostituta magra e doente do Helvética, a datilógrafa de olhos verdes**

São tentativas frustradas de Luís da Silva para afastar sua atenção de Marina.

A seguir, os personagens mais relevantes do **passado**. Os mais recorrentes nas lembranças de Luís da Silva vêm destacados e/ou comentados.

### **Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva**

Avô de Luís da Silva. Senhor de engenho que, apesar da decadência econômica causada, entre outros fatores, pela libertação dos escravos, conservava uma certa autoridade moral sobre os habitantes de suas antigas possessões. Muitas vezes o narrador se compara ao avô e percebe amargurado as diferenças que havia entre a personalidade do velho avô (orgulhoso e corajoso em qualquer situação, apesar da decadência) e ele (um fraco, incapaz de auto-estima).

### **Sinhá Germana**

Avó, esposa de Trajano. Representa as mulheres resignadas e submissas do mundo agrário do passado, em contraposição a mulheres mais independentes, pouco submissas, como Marina.

### **Camilo Pereira da Silva**

Pai de Luís da Silva. Nele a decadência é ainda mais visível que no avô, não só no nome diminuído de imponência, mas também na incapacidade de agir frente à vida. Morto Trajano, muda-se para a cidade e dedica-se ao comércio, em um empório miserável. É um abatido pela preguiça: dedica-se à leitura repetida e interminável das aventuras de Carlos Magno e seus cavaleiros.

### **Quitéria**

Cozinheira da casa da fazenda.

### **Moqueca**

Cachorra da fazenda.

### **Amaro**

Vaqueiro da fazenda, cuja destreza era admirada pelo menino Luís.

### **José Baía**

Cangaceiro que prestava serviços ao velho Trajano, divertia o menino Luís da Silva com suas estórias. Figura recorrente nos delírios finais do narrador.

**D. Conceição, Seu Batista, D. Maria Teresa, Teotoninho Sabiá, Carcará, Doutor Juiz de Direito, Padre Inácio, Seu Antônio Justino** (professor), **mestre Domingos, Seu Evaristo, Joaquim Sabiá, as três velhas “formiguinhas”** (que viviam a remexer a terra do seu jardim cheio de roseiras), **Rosenda Lavadeira, cabo José da Luz, velho Acrísio, André Laerte** (barbeiro), **Filipe Benigno** (comerciante)

Galeria de personagens que aparecem volta e meia nas lembranças do narrador.

### **Dona Aurora**

Dona de uma pensão barata onde Luís da Silva viveu em tempos difíceis. O protagonista foi assediado pela neta de Dona Aurora em uma ida ao cinema, mas não conseguiu se entregar à sedução por não conseguir tirar da cabeça o dinheiro que gastava na brincadeira estúpida de convidar a velha e a moça para o passeio.

### **Dagoberto**

Colega de quarto de Luís na pensão, estudante de medicina. A maneira intrometida como ele tomava conta das camas para seus estudos de anatomia, exigindo a atenção de Luís, é um exemplo da incapacidade do narrador de fazer frente às mínimas imposições em sua vida.

## Foco narrativo

O foco narrativo é em **primeira pessoa**, o narrador é **personagem protagonista** da história, que se escreve na forma de um longo **fluxo de consciência** que recupera todo o seu passado, das origens sertanejas, passando pelas dificuldades iniciais na cidade até a colocação como funcionário público, seu envolvimento com Marina e Julião Tavares e, finalmente, o desfecho trágico que não altera seu estado de angústia. O **monólogo** desenvolvido pelo narrador ocorre por meio de fragmentos do seu passado misturados aos acontecimentos do presente, também apresentados de modo fragmentário. O resultado é um embaralhamento entre passado remoto e próximo na narrativa, como veremos mais adiante.

Como sabemos, o narrador em primeira pessoa coloca sempre o problema da veracidade do que ele narra. O crítico Ivan Teixeira faz algumas considerações a esse respeito (grifos nossos):

*Angústia não conta propriamente uma história; antes, constrói uma personalidade estranha e singular, cujo desenho ocupa a atenção central do romancista. Sendo personagem-narrador, a singularidade de Luís da Silva projeta-se toda no texto, atribuindo-lhe a condição de reflexo de uma ficção. Assim, o texto tanto pode ser pensado como imagem virtual de uma psicologia imaginária quanto a configuração real de palavras de onde emerge o desenho hipotético da mente que a teria gerado. Em outros termos, o narrador do romance deixa-se interpretar como um escritor fictício cujo romance simula a vida de quem o escreve.*

*Talvez se pudesse pensar também em Angústia como problematização ficcional da noção de crime, pois o leitor não deseja a punição de Luís da Silva, embora o considere criminoso. Paralelamente, o romance inventa os mecanismos subjetivos que levam o assassino a justificar intelectualmente o crime, pormenor que aproxima Angústia de sua fonte internacional, Crime e Castigo, de Dostoievski. Perante a consciência do protagonista, o assassinato impôs-se como espécie subjetiva de legítima defesa. Caso não agisse, é possível que morresse, pois o ódio acabaria por corroer seu sistema nervoso. Nesse sentido, o crime o livrou da inércia que o conduziria à morte, impulsionando-o à realização de um antigo sonho, escrever um livro. A conquista do ideal artístico acaba por garantir a simpatia do leitor, entendido como categoria inclusa à ficcionalidade do romance.*

*Além disso, o narrador se apresenta como vítima de um grande amor interrompido. Todavia, terminada a leitura, surge hipótese desfavorável a ele: não será um criminoso vulgar, que, para legitimar o crime e obter a absolvição ideal do leitor, desclassifica o opositor, descrevendo-o em termos repulsivos? Do ponto de vista literário, o confronto das duas hipóteses interpretativas sobre a posição de Luís da Silva fazem dele um narrador não confiável, porque manipula os fatos de modo a despertar o afeto de repulsa contra o antagonista e o de piedade para si, tal como se observa, por exemplo, em Dom Casmurro.*

Atualmente, essa modalidade de narrador é considerada riquíssima, pois, além de possibilitar a problematização das tópicas adotadas, não delimita com precisão os contornos da própria história, gerando obra imprecisa e equívoca. Por essa perspectiva, é possível duvidar das afirmações de Luís da Silva, até mesmo da veracidade do crime que alega ter cometido. A posição dúbia do narrador admite a hipótese, segundo a qual a fábula de sua narrativa não contém senão os delírios de um solipsista alucinado por desejos que não consegue realizar. Nesse sentido, até as personagens do romance não passariam de projeção do universo psíquico do narrador, propenso a confundir a realidade dos fatos com os delírios de seu cérebro doentio. Mas é exatamente essa a essência da obra de ficção, que prescinde de matriz realista imediata, imitando antes modelos ou estruturas da tradição literária do que situações empiricamente concebidas. Assim, a realidade de *Angústia* confunde-se com o registro das coisas no momento mesmo em que são inventadas, como se os supostos acontecimentos brotassem da pena do protagonista-escritor, que não só simula os fatos de sua fábula, mas também encena a redação do livro que os inventa.

Podemos dividir a narrativa em dois planos temporais: um passado que é recuperado ao longo do fluxo de consciência do narrador e um presente que corresponde aos fatos que deságuam no desfecho trágico da morte de Julião Tavares<sup>1</sup>.

Os fatos do passado dizem respeito a sua infância na fazenda do avô, sua mudança para a vila com o pai, sua experiência como professor cigano pelas fazendas do interior, um período no exército, o início da carreira de revisor e escritor mendicante na cidade grande, morando na rua ou em pensões baratas, e, finalmente, a colocação como funcionário público, que lhe dá uma estabilidade precária (com o perdão do oxímoro...). Observe que todas essas lembranças, retomadas exaustiva e fragmentariamente ao longo da narrativa, são negativas. Apesar disso, Luís da Silva escreve: “busco refúgio no passado”. Isso ocorre porque o passado, aqui no sentido da vida da infância, ao lado do avô e do pai, corresponde a um momento de certa segurança e estabilidade, completamente perdidas após os trágicos acontecimentos em que deságua a sua história. O passado sofrido de Luís da Silva acaba funcionando também como uma desculpa inconsciente para justificar o crime que ele cometeu.

Os fatos do presente dizem respeito à vida de “pobre diabo” de Luís Pereira da Silva<sup>2</sup>, funcionário público que faz bicos para sobreviver, conformado com seu destino medíocre. Essa vida é transformada negativamente pelo aparecimento de Marina e Julião Tavares, que o arrastam para um turbilhão de angústia em que se potencializam todos os seus dramas íntimos, e do qual ele não consegue se livrar. Pertencem a esse presente também as relações com os vizinhos da Rua da Macena, com os amigos Moisés e Pimentel, com os transeuntes dos cafés e ruas freqüentados pelo narrador.

Uma vez desestabilizado o universo do presente, Luís da Silva tenta reorganizar seu mundo e compreender sua história, escrevendo-a. Esforço inútil, uma vez que ele será arrastado pelas lembranças do passado e pela incapacidade de racionalizar os fatos que ocorreram no presente (passado próximo). Este vaivém entre passado e presente resulta no chamado **tempo psicológico**, caracterizado pelo embaralhamento da matéria narrada. Há o uso da técnica de *flash-back* para recuperar fragmentos do passado. Essa fragmentação serve para mostrar o estado de desorientação interior extrema em que está o narrador no momento em que conta sua história, momento esse ainda bastante próximo do desfecho trágico ocorrido (o assassinato de Julião Tavares). O auge do embaralhamento entre passado e presente ocorre, aliás, durante o delírio febril que ocupa as últimas dez páginas do livro, quando a atemporalidade domina a narrativa, como afirma o próprio Luís da Silva a respeito da sua percepção temporal naquele momento: “Mas no tempo não havia horas”.

É possível também quase precisar o **momento histórico** em que acontece o presente e o passado da narrativa. O momento do passado é o das primeiras décadas do século 20. Ele está implícito na decadência de Trajano Silva, avô do narrador, típico senhor de engenho falido em decorrência da libertação dos escravos e da sua incapacidade de se modernizar. Já o presente se passa na década de 1930, época do governo ditatorial de Vargas, o que está implícito na referência à perseguição do comunista Moisés pela polícia. O conturbado ambiente político da época, marcado pela oposição radical entre esquerda comunista e direita fascista, aparece também na consciência culpada de Luís da Silva pelo seu trabalho de intelectual a serviço das oligarquias nordestinas do interior nordestino (os artigos que ele escrevia de encomenda).

<sup>1</sup> Seria mais correto falar em *passado remoto* e *passado próximo*, uma vez que os fatos envolvendo Marina e Julião Tavares iniciaram cerca de um ano antes do início da escritura da história por Luís Pereira da Silva. No início da narrativa, ele afirma: “levantei-me há cerca de trinta dias”, uma referência óbvia à prostração que o leva ao delírio, narrada ao final do livro. Depois das primeiras páginas introdutórias, quando começará a contar sua história trágica com Marina, ele declara: “Em janeiro do ano passado, estava eu uma tarde no quintal, (...)”. Portanto, as lembranças familiares do tempo de menino, suas andanças pelas fazendas do interior, a miséria extrema na capital antes de arrumar emprego fixo pertenceriam ao *passado remoto*; já a história com Marina e Julião pertenceria ao *passado próximo*. Mas preferimos aqui nos referir a este último como *presente*, já que os fatos dele narrados são ainda determinantes do estado de angústia em que permanece o narrador.

<sup>2</sup> Luís da Silva é um personagem típico da literatura brasileira, que o crítico e poeta José Paulo Paes definiu como o “pobre diabo”: proveniente de uma família que teve alguma importância ou tradição, mas foi vitimada pela decadência, agarrado ao serviço público como forma de evitar a pobreza proletária, sem capacidade de opor resistência interior à força da realidade, mesmo quando tenta se enfiar para fugir do mundo, enfim, um fracassado. O escritor Mário de Andrade observou, na geração a que pertenceu Graciliano Ramos, a recorrência desse herói “desfibrado, incompetente para viver, e que não consegue opor elemento pessoal algum, nenhum traço de caráter, nenhum músculo como nenhum ideal, contra a vida ambiente”. Outro exemplo de “pobre diabo”, talvez mais adequado que Luís da Silva, é o Belmiro Borba de *O amanuense Belmiro*, livro de Cyro dos Anjos, uma vez que neste último personagem não há a força trágica que traz interesse à história de Luís da Silva.

Também os espaços da narrativa alternam-se entre os do presente e os do passado. Os espaços do passado são a casa de fazenda do avô, a vila sertaneja onde viveu da morte do avô até a morte do pai, a pensão barata de Dona Aurora.

Os espaços do presente são as ruas e cafés de Maceió, a repartição pública onde Luís da Silva se sente oprimido pelo trabalho, e principalmente a sua casa na rua do Macena. Este é um espaço minuciosamente descrito: a sala onde Luís trabalha e recebe os amigos e visitas, o quarto onde se angustia com os barulhos vindos da casa vizinha, resultado das noites de sexo ardente praticado pela vizinha Dona Rosália com seu marido inconstante, o banheiro, onde se dedica a fantasias de glória literária e à espia e escuta dos longos banhos de Marina, a princípio, depois, de sua revelação à mãe da gravidez desonrosa. Dentro da casa, principalmente na sala, lugar de reflexão para o protagonista, habitam, escondidos pelos armários e buracos das paredes, os ratos, corroendo aos poucos os livros de Luís, impedindo cada vez mais o seu trabalho e o seu sono, como a angústia, que vai corroendo sua tranquilidade, sua estabilidade, destruindo sua dedicação à literatura como forma de sustento ou lazer. Há também o velho cano enferrujado em um canto, uma entre tantas imagens a lhe lembrar uma corda estirada que serve para enforcar, ou um porrete que serve para machucar violentamente.

Merece destaque a descrição do cenário dos encontros entre Luís da Silva e Marina: “De todo aquele romance as particularidades que melhor guardei na memória foram os montes de cisco, a água empapando a terra, o cheiro dos munturos, urubus nos galhos da mangueira farejando ratos em decomposição no lixo”. O lugar é descrito freqüentemente assim: sujo, malcheiroso, cheio de lixo e bichos asquerosos. Esta e outras descrições (não só do quintal) beiram o expressionismo, distorcendo o real de modo que ele demonstre o interior, as emoções profundas do indivíduo em estado de tensão. A descrição acima, por exemplo, está impregnada da decadência interior de Luís da Silva e de sua visão negativa do sexo, que vai se firmando ao longo da narrativa.

O contraste entre os espaços do passado (mundo rural) e do presente (mundo urbano) sugerem também outra temática para o livro: a do sertanejo desarraigado, desejoso da estabilidade proporcionada pelo mundo agrário, incapaz de ser alcançada na cidade, marcada pelo constante movimento, no qual Luís da Silva não consegue se identificar. Provas disso são a repetição obsessiva dos mesmos espaços nas memórias da infância (o que contribui também para a sensação de monotonia presente no texto) e a tendência do protagonista de se dirigir constantemente aos bairros mais periféricos da cidade, como a demonstrar o desejo de voltar ao interior de onde veio.

## Linguagem e estilo

A narrativa de Luís da Silva é apresentada ao leitor como uma confissão, uma purgação com a intenção de reencontrar uma mínima segurança existencial, que parece definitivamente perdida após o crime por ele cometido. O narrador conta sua história por escrito porque lhe parece impossível uma comunicação direta satisfatória com outro ser humano. Mesmo com seus amigos próximos (Moisés e Pimentel), o diálogo praticamente inexistente, é entrecortado, previsível, às vezes chega a aborrecer. Qual a linguagem empregada, então, por Luís da Silva, para ir desvendando ao leitor o seu atormentado mundo interior, recuperando o seu passado, desenvolvendo a trágica história de sua ligação com Marina até chegar ao clímax do assassinato de Julião Tavares?

É uma linguagem fragmentária, de períodos e frases curtas que vão se superpondo de maneira aparentemente caótica, de modo que fique patente para o leitor a confusão psíquica em que ele vive e escreve. A forma de linguagem empregada consegue dar conta também de um interessante contraste: enquanto a ação propriamente dita do enredo é lenta, cheia de detalhes e desvios, por conta da multiplicidade de registros da memória e reflexões do narrador que vão sendo intercalados nos acontecimentos relatados, a ação interior e reflexiva de Luís da Silva é intensa, resultado da superposição ininterrupta desses fragmentos. O crítico Ivan Teixeira analisou a maneira como se estrutura a obra com base no jogo de linguagem (grifos nossos):

**Como se percebe pela síntese da fábula, *Angústia* possui estrutura de autobiografia, podendo também ser entendido como uma espécie de diário íntimo, com notável progressão no andamento do assunto: origina-se na alucinação decorrente do ciúme e da idéia do crime, passa pela reconstituição de seus motivos, até chegar, sempre por meio da memória afetiva, ao crime propriamente dito. Essa ordem decorre da racionalização da leitura, que seleciona, corta, ata, intercala e reata, porque vê tudo de fora, depois que tudo foi vivido e relatado pela personagem em desespero. Mas “ela própria, que sentiu intensamente os acontecimentos que narra, não consegue organizá-los de maneira coerente. Para ela, tudo é confuso e caótico, porque, ao falar, ainda se encontra emocionada com o que fala.” Cada pormenor assume uma importância desmedida, até mesmo os olhos do gato que espia do muro, horas depois do crime. “O livro é organizado de modo a sugerir impressão de desarranjo e absurdo, pois procura representar as categorias subterrâneas de um indivíduo atormentado pela mania da auto-análise.”**

**Como convém aos romances voltados para a construção da intimidade, a ficcionalização da memória é componente essencial à estrutura de *Angústia*. Como tudo é fluido e contínuo na lembrança das pessoas, *Angústia* não apresenta divisão em capítulos e sim pequenas lacunas entre grandes seqüências de significado coeso, traço formal que pretende insinuar a continuidade e fluidez da mente no processo de lembrar e recompor o vivido, movimento que vem em ondas, interrompido apenas por breves intervalos. Por começar onde termina, pode-se afirmar que o romance possui estrutura circular e ininterrupta, imitando o estado psíquico de pessoa dominada por idéia fixa, em torno da qual flutuam uma infinidade de outras idéias e imagens correlatas. Para produzir o efeito de fluidez mental, o autor lança mão da técnica, então recente na literatura européia, do fluxo de consciência, por meio da qual se produz o monólogo interior da personagem, com suas infinitas cintilações, imagens, lembranças e cenas do passado, interpondo-se continuamente às vivências do presente.**

Principalmente nas últimas páginas, quando é narrado o delírio febril de Luís da Silva, auge de seu estado de confusão mental, é que podemos perceber a colagem caótica de fragmentos que revelam a atormentada psique do personagem. Vejamos um exemplo:

(...) As letras tinham cara de gente e arregaçavam os beijos com ferocidade. A mulher que lava garrafas e o homem que enche dornas agitavam-se na parede como borboletas espetadas e formavam letreiros com outras pessoas que lavavam garrafas, enchiam dornas e faziam coisas diferentes. A datilógrafa dos olhos agateados tossia, as filhas do Lobisomem encolhiam-se por detrás das outras letras, Antônia arrastava as pernas grossas cobertas de marcas de feridas, a mulher da Rua da Lama cruzava as mãos sobre o Joelho magro e curvava-se para esconder as pelancas da barriga escura. Um choro longo subia e descia: “Que será de mim? Valha-me Nossa Senhora.” Um moleque morria devagar, mutilado, porque havia arrancado os tampos da filha do patrão. Fazia um gorgolejo medonho e vertia piche das chagas. 16.384. O cego dos bilhetes batia com o cajado na parede. “Afastem esta cadeira.” Seu Ivo estava de cócoras, misturado às outras letras. A calça rasgada e o paletó sujo eram cor de piche. Cirilo da Engrácia, carregado de cartucheiras e punhais, encostava-se a uma árvore, amarrado, os cabelos cobrindo o rosto, os pés com os dedos para baixo. A sentinela cochilava no portão do palácio. Um ventre enorme crescia na parede, uma criatura mal vestida passava arrastando a filha pequena, um brilho de ódio no olho único. Sinha Terta gemia: “Minha santa Margarida...” O dono da bodega, triste, fincava os cotovelos no balcão engordurado. (...)

O crítico José Paulo Paes chamou a atenção para a maneira como se dá a transição entre a narrativa dos fatos do presente e o registro das memórias que vêm à tona:

A transição entre o agora e o outrora se faz o mais das vezes por meio da *metonímia*, como nas fusões cinematográficas: um objeto, uma pessoa ou uma palavra que faça lembrar a Luís da Silva determinada passagem da sua infância desencadeia de pronto o processo rememorativo.

### I. O romance psicológico...

Como já antecipamos na “Sinopse”, *Angústia* pode ser enquadrado na vertente do chamado “romance de sondagem psicológica”, que teve muita força na literatura brasileira a partir da segunda geração do Modernismo brasileiro.

Luís da Silva propõe-se a contar sua história realizando uma viagem interior em busca das raízes de sua história e de seus problemas. Seu estado de desorientação psíquica leva-o a construir um auto-retrato como mosaico de fragmentos confusos: sua história é contada, embaralhando idéias, criando uma confusão entre a realidade palpável e o mundo da memória e da fantasia; o resultado é um caos cronológico e ideológico que revele bem a inquietação do seu espírito.

Veja como o dicionário define “angústia”:

**angústia.** [Do lat. *angustia*.] S. f. **1.** Estreiteza, limite, redução, restrição: *angústia de espaço, angústia de tempo*. **2.** Ansiedade ou aflição intensa; ânsia, agonia. **3.** Sofrimento, tormento, tribulação: *A triste revelação acarretou o agravamento de suas angústias*. **4.** Hist. Filos. Segundo Kierkegaard [v. *kierkegaardiano*], determinação que revela a condição espiritual do homem, caso se manifeste psicologicamente de maneira ambígua e o desperte para a possibilidade de ser livre. **5.** Hist. Filos. Segundo Heidegger [v. *heideggeriano*], disposição afetiva pela qual se revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência [q. v.]. [Cf. *angustia*, do v. *angustiar*.]

Deixemos de lado as definições técnicas (4 e 5) e fixemo-nos nas genéricas. Em qualquer um dos três primeiros casos, a definição assenta muito bem sobre o estado existencial de Luís da Silva ao nos contar sua história.

Um exemplo da narrativa que vem confirmar a propriedade do título é a freqüência com que Luís da Silva é assaltado por imagens que lembram afogamento (as brincadeiras com o pai no poço da infância) ou sufocamento (a cascavel enrolada no pescoço do avô, o corpo enforcado do velho da vila, o retrato do cangaceiro morto pela volante, o moleque sufocado com seus próprios testículos pelo senhor de engenho etc.)<sup>3</sup>. Cada vez mais acuada pelo sentimento do ciúme e por um opressivo complexo de inferioridade construído ao longo de sua vida miserável, a consciência do protagonista passa a deformar negativa e progressivamente o mundo a sua volta.<sup>4</sup> Desesperado, ele só enxerga uma maneira de se livrar do estado de angústia que ameaça assustadoramente seu sistema nervoso: matar Julião Tavares. Essa idéia fixa toma conta de sua mente e ele acaba por colocá-la em prática, de maneira impulsiva e desorientada.

No entanto, a execução do crime não o livra dos seus fantasmas. Pelo contrário: a realidade não melhora e ele agora precisa lidar com a consciência culpada pelo seu ato. Pode justificar-se apelando para o seu passado sofrido e para o fato do crime ter sido cometido, afinal de contas, por amor. Como José Baía, o cangaceiro que lhe contava histórias na infância, e cuja lembrança o assalta constantemente durante o ápice da sua história (principalmente durante o delírio final), Luís da Silva se revela assassino, sim, mas “bom sujeito”. A violência que suportou ao longo de sua vida marcada pela presença constante da miséria e da morte ele descarrega agora em um momento de descontrole justificado. Enfim, ao fazermos a análise da história de Luís da Silva e de sua personalidade, por meio de sua própria narrativa, vemos emergir uma “psicologia do pessimismo” para explicar o ser humano.

<sup>3</sup> É claro que estas imagens revelam, também, a progressiva obsessão de Luís da Silva com a idéia de matar Julião Tavares, mas isso não invalida o modo como interpretamos sua recorrência na narrativa.

<sup>4</sup> A este respeito, veja o comentário anterior que fizemos sobre o expressionismo empregado na descrição dos espaços, o que é notável, também, na caracterização dos personagens. Como exemplo, a figura balofa e a voz pastosa de Julião Tavares. Ou a mulher grávida que Luís da Silva quase atropela na rua.

## 2. ... e o romance social

Se atentarmos para as causas dos problemas que levam à situação-limite vivida por Luís da Silva, veremos que elas podem ser resumidas à sensação de inferioridade social e ao medo da privação das condições para sobreviver dignamente. O seu passado miserável, a ameaça constante de dívidas a ser pagas ou que podem surgir a qualquer momento, o rancor social por ser “vítima” da decadência de uma família outrora rica e poderosa, tudo isso contribui para que ele se sinta sempre acossado, oprimido.

Julião Tavares, que lhe rouba a namorada graças à condição social privilegiada, aparece como uma encarnação, concretização de todas as opressões sofridas no plano afetivo, psicológico e social. A obsessão por eliminá-lo está, então, justificada. Não é por acaso que o narrador afirma: “Julião Tavares era uma sensação”. A própria concretização da sensação de angústia: um sujeito que incomoda Luís da Silva, que aparece em sua vida sem ser chamado, que a desestrutura por completo. Matá-lo é vingar-se, é descarregar o seu ódio à sociedade, resolver o seu complexo de inferioridade.<sup>5</sup> Daí o crime ser praticado de forma repentina e automática, como uma descarga de recalques e estigmas dos quais era preciso se livrar.

A temática social está presente de outras formas no livro. Basta lembrar a consciência culpada de Luís da Silva por ser um intelectual que veio da miséria e que trai a sua classe vendendo seus artigos para coronéis da política nordestina. Um dos seus dramas íntimos é sentir-se um distanciado do povo, do qual já fez parte um dia. Há também o comunismo palavrório de Moisés que, mesmo defendendo a “arte engajada” em favor da revolução, tem entre seus amigos Pimentel e Luís da Silva, dois intelectuais “vendidos ao sistema”.

## 3. Determinismo e tragédia

A trajetória de Luís da Silva aparece como resultado de um “determinismo trágico”. Ele nos apresenta o seu crime como resultado de forças que o dominaram e o dirigiram para um destino do qual seria impossível escapar.

O determinismo biológico está presente, por exemplo, na sua fixação por Marina: o que sente por ela ultrapassa, desde o início, qualquer racionalidade ou controle. É, na verdade, uma tara. Ao se referir ao seu sentimento de inferioridade social, Luís da Silva lança mão da imagem do seu corpo de cabeça baixa e espinha curva. Para exemplificar a degradação que vai tomando conta do seu ser, equipara-se a bichos (rato, sabiá, ratuina, sururu, coruja); é um animal acuado, desesperado. Como afirmou a crítica Sonia Brayner: “A descrição fenomenológica de uma consciência que beira a anormalidade, emparedada em suas obsessões, retoma a visão determinista do naturalismo agora em um novo espaço, o do inconsciente”.

O uso do determinismo pode ser fruto de um desarranjo psíquico ou bem construída justificativa do narrador para o seu crime. Aliado às imagens que perseguem Luís da Silva (como as de pessoas enforcadas ou sufocadas, que comentamos anteriormente) e a fatos que não lhe parecem ocorrer por coincidência (como a corda trazida por Seu Ivo de presente), esse determinismo encaminha a narrativa para sua dimensão trágica: o protagonista age automaticamente, arrastado para o crime por forças maiores do que ele (mesmo as vozes do passado parecem incitá-lo a agir, minando suas resistências em se encaminhar à direção ao ato que não quer praticar). Luís da Silva apresenta-se como um “doente da vontade”.

A narrativa vai num crescendo dramático até a morte de Julião Tavares. Afinal, ele merecia, precisava morrer: o crime é uma “missão”, é catarse, purgação, destino: “Acervo genético e ambiente se conjugam numa só força a impeli-lo para a frente, a ponto de nos deixar a impressão de que o homem será a projeção da idéia obsedante; realizá-la, a qualquer custo, eis aí sua missão, e assim o fará, conquanto sacrifique a própria personalidade, aparentemente dessorada de seu conteúdo energético após a prática do ato.” (Massaud Moisés)

E qual a consequência da realização dessa “missão”? “Liberto da energia, que era a motivação dos seus caracteres, Luís da Silva será unicamente a lembrança do que foi e do que fez, não só pela angústia aterradora mas porque essa se produziu muito intensamente numa camada profunda do seu ‘eu’, de forma

<sup>5</sup> Veja o que afirma o crítico Massaud Moisés: “Voltemos, pois, as nossas vistas para o panorama todo de sua vida, desde a infância até ao conhecimento de Marina. O passado, com o cortejo de sensações que se fixam na alma da criança e do adolescente em forma de recalques e complexos, vai estourar com o peso de enorme carga mais tarde, quando, já adulto, o indivíduo reúne todas as suas energias para um ato decisivo. Nessa chamada aflitiva dos recursos potenciais está, desgraçadamente, a fagulha que acende o estopim dos recalques e complexos. Despertos esses, de pronto o homem perde o controle de suas faculdades e transforma-se em títere dessas forças imponderáveis. É o caso de Luís da Silva.

a não lhe restar outra alternativa, senão viver a recordação dos minutos que culminam na apoteótica realização de suas faculdades viris. Sua angústia é quase a consequência do complexo de culpa que o assalta, por sentir o inócuo do esforço praticado. Se culpa tem de alguma coisa, ele se fez o próprio algoz, visto outrem ignorar os motivos remotos de sua consciência na prática do crime inútil. O desespero é mais causado pela sensação de inutilidade experimentada ante o que supunha decisivo para sua vida interior.”  
(Massaud Moisés)

## Biografia

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas em 1892, descendente de uma família de fazendeiros e de pai comerciante. Passou a infância pelo interior de Alagoas e Pernambuco. Foi estudar em Maceió, mas deixou os estudos e mudou-se para Palmeira dos Índios. Após um período em que tentou a sorte no Rio de Janeiro, retornou a esta cidade alagoana, da qual chegou a ser prefeito. Palmeira dos Índios foi o cenário de seu primeiro romance, *Caetés* (1933). Mais tarde, exerceu o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado em Maceió (1933-1936), época em que trabalha nas suas primeiras grandes obras, os romances *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936). Passa uma temporada na cadeia, no Rio de Janeiro, acusado de envolvimento com os comunistas, do que resulta a obra-prima *Memórias do cárcere*, livro publicado postumamente (1953). Depois da prisão, publicaria outro livro fundamental da história da literatura brasileira, *Vidas secas* (1938). Escreveu ainda, além de outras obras de ficção e de memória, livros infantis e de viagens. Morreu em 1953, no Rio de Janeiro. Hoje, é quase unanimidade considerar que Graciliano Ramos foi o melhor escritor de sua geração.

## Trechos para leitura

Quanto tempo duraram as recordações e o enfraquecimento? Um minuto, ou menos. Novamente as mãos se contraíram e as pernas se estiraram no caminho extenso. Desejei que Julião Tavares fugisse e me livrasse daquele tormento. Se ele corresse pela estrada deserta, estaria tudo acabado. Eu tentaria alcançá-lo. Inutilmente. Pensei em gritar, avisá-lo de que havia perigo, mas o grito morreu-me na garganta. Não grito: habituei-me a falar baixinho na presença dos chefes. Era preciso que alguma coisa prevenisse Julião Tavares e o afastasse dali. Ao mesmo tempo encolerizei-me por ele estar pejando o caminho, a desafiar-me. Então eu não era nada? Não bastavam as humilhações recebidas em público? No relógio oficial, nas ruas, nos cafés, virava-me as costas. Eu era um cachorro, um ninguém. “É-me conveniente escrever um artigo, Seu Luís.” Eu escrevia. E pronto, nem muito obrigado. Um Julião Tavares me voltava as costas e me ignorava. Nas redações, na repartição, no bonde, eu era um trouxa, um infeliz, amarrado. Mas ali, na estrada deserta, voltar-me as costas como a um cachorro sem dentes! Não. Onde vinha aquela grandeza? Por que aquela segurança? Eu era um homem. Ali era um homem.

– Um homem, percebe? Um homem.

Julião Tavares não ouviu e continuou a andar tranqüilamente.

– Corre, peste.

Por que era que o miserável não corria, não se livrava dos meus instintos ruins? Estaria recordando as carícias da mocinha sardenta?

– Isso não vale nada, Julião Tavares. Marina, a mocinha sardenta, a datilógrafa dos olhos de gato, não valem nada. O que vale é a tua vida. Foge.

Julião Tavares parou e acendeu um cigarro. Por que parou naquele momento? Eu queria que ele se afastasse de mim. Pelo menos que seguisse o seu caminho sem ofender-me. Mas assim... Faltavam-me os cigarros, e aquela parada repentina, a luz do fósforo, a brasa esmorecendo e avivando-se na escuridão, endoideciam-me. Fiz um esforço desesperado para readquirir sentimentos humanos:

– José Baía, meu irmão...

José Baía não era meu irmão: era um estranho de cabelos brancos que apodrecia numa cadeia imunda, cumprindo sentença por homicídio. – “Recebeu cópia do libelo?” José Baía não soubera responder. Tinha recebido e não tinha. Que resposta devia dar àquela pergunta incompreensível? O presidente se contentaria se ele dissesse que sim? Ou seria melhor dizer que não? E José Baía balançava a cabeça, indeciso: tinha recebido e não tinha. Afinal que me importava José Baía, estirado numa esteira por detrás das grades negras e pegajosas? Que me importavam as grades negras e pegajosas?

Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade eram figurinhas insignificantes. Tinham-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai me dava no poço da Pedra, a palmatória de Mestre Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe da revisão, a impertinência macia do diretor, tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava. Tanta empáfia, tanta lorota, tanto adjetivo besta em discurso – e estava ali, amunhecando, vencido pelo próprio peso, esmorecendo, escorregando para o

chão coberto de folhas secas, amortalhado na neblina. Ao ser alcançado pela corda, tivera um arranco de bicho brabo. Aquietava-se, inclinava-se para a frente, os joelhos dobravam-se, o corpo amolecia. Eu tinha os braços doidos e as mãos cortadas. Enquanto Julião Tavares estivesse com a cabeça erguida, a minha responsabilidade não seria tão grande como depois da queda. Quando bebia demais, Seu Ivo tinha aquele jeito de arriar, não havia conversa que o levantasse. A lembrança de Seu Ivo enfureceu-me.

– Com os diabos!

E larguei o corpo, que foi bater numa cerca, por baixo de uns galhos de árvore que aumentavam a escuridão.

– Com os diabos!

Sentei-me ao pé da cerca, enxuguei o suor que me corria pela testa. Cansado. A mão direita doía-me horrivelmente, mas continuei a apertar com ela a corda que a circulava. A mão esquerda estava livre. Levei-a ao bolso à procura de cigarros, mas retirei-a logo. A figura de Seu Ivo, bêbedo, encostado à parede, voltou. Que horas seriam? As estacas da cerca magoavam-me as costas. Pareceu-me inconveniente permanecer ali, mas não me veio a idéia de que houvesse perigo. Necessário continuar a marcha. Continuar a marcha, evidentemente. Fiquei sentado e mudei de posição, porque as estacas da cerca me feriam os ombros. Como conduzir Julião Tavares, tão pesado? Não compreendi que devia deixá-lo apodrecendo nas folhas, debaixo da árvore. Precisava transportá-lo, isto não me saía da cabeça. Transportá-lo, sem dúvida. Apesar de não sentir medo, percebia que era urgente retirar-me. Agucei o ouvido. Apenas o zunzum dos mosquitos. A lagoa próxima fervilhava de carapanãs. Como estaria Julião Tavares? Procurei distingui-lo, avancei a cabeça para o lugar onde supunha ter ele ficado. Um vulto quase imperceptível na escuridão leitosa. O rosto encostado à terra, naturalmente. Como estariam os olhos dele? Os de Seu Evaristo, que vi de longe, esbugalhavam-se. E a boca se escancarava, mostrando a língua escura e grossa. Provavelmente Julião Tavares tinha também os olhos muito abertos e o queixo desgovernado.

– Mas que diabo estou fazendo aqui?

Necessitava levantar-me, afastar-me depressa, entrar em casa, dormir. Àquela hora o marido de Dona Rosália resfolegava, arranhava com a barba o couro amarelo de Dona Rosália. O marido de Dona Rosália resfolegava como um bicho. E Julião Tavares parado. Minutos antes andava na maciota, o cigarro aceso, o pensamento na cama da mocinha sardenta. Agora ali junto da cerca, estirado. Inconveniente ficar ao lado dele. Inconveniente. As carapanãs zumbiam, voavam perto da minha cara, picavam-me as orelhas e as mãos escalavradas. Inconveniente.

– Matos têm olhos, paredes têm ouvidos.

Quitéria, Rosenda e a prensa velha vieram-me à memória. Olhei os arredores, tentei varar a escuridão. Tudo invisível. A lagoa, povoada de carapanãs, invisível. Uma grande fraqueza abateu-me, suor abundante ensopou-me a camisa. Passei a mão na cara molhada, senti na pele a dureza da corda. Se viesse alguém?

– Recebeu cópia do libelo?

Os amigos de Julião Tavares iriam julgar-me. Pimentel e Moisés não eram jurados. Que diriam os jornais? De Seu Evaristo não tinham dito nada, dos homens que apareciam mortos nos caminhos não diziam nada. Mas agora falaria muito. Quem foi? Por que foi? Pimentel escreveria artigos horríveis. Pus-me a discutir com Pimentel, gesticulei, uma das mãos bateu no corpo de Julião Tavares. Encolhi-me, o suor aumentou na friagem da noite.

José Baía, velho e manso, dormia na esteira de pipiri, por baixo das cortinas de pucumã. Seu Evaristo balançava, pendurado num galho de carrapateira. Seu Evaristo era tão magro, tão cheio de fome, que um galho de carrapateira podia sustentá-lo. Cirilo da Engrácia, morto, em pé, amarrado a uma árvore, parecia vivo. Os cabelos compridos, caídos para a frente, escureciam-lhe o rosto feroz. Só os pés estavam bem mortos, suspensos, os dedos para baixo. O frio aumentava, comecei a bater os queixos como um caititu. Se alguém surgisse na estrada, eu não teria coragem de fugir. Haveria pessoas ali perto? Julguei perceber um ruído esquisito, mas provavelmente

era apenas o eco das pancadas dos meus dentes, que não descansavam. Tive a impressão de que os meus dentes estavam longe, fazendo um barulho que se misturava ao zumbido irritante das carapanãs. Apertei os queixos, mas as castanholas permaneceram, e veio-me a certeza de que me havia tornado velho e impotente.

– Inútil, tudo inútil.

Mordi a manga do paletó. Os dentes continuavam a entrechocar-se, mas produziam um som abafado. Mastiguei o pano, desejei recolher-me. Beberia um copo de cachaça, os dentes se calariam. Os relógios da vizinhança não me deixariam dormir. Certamente Julião Tavares devia ficar ali deitado. Pensei em ocultá-lo, enterrá-lo debaixo de uma camada de folhas. A idéia absurda de levá-lo comigo para a cidade tinha desaparecido. Bem. Pus-me a afastar as folhas e a cavar a terra com as unhas. A tentativa de fazer com os dedos uma cova para enterrar um homem era tão disparatada que me levantei, receoso de tornar-me idiota. Como estaria a cara de Julião Tavares? A figura que me veio ao espírito foi a de Cirilo da Engrácia, terrível, amarrado a um tronco, os cabelos compridos ensombrando o rosto, os pés suspensos, mortos. Pensei também em Seu Evaristo, curvado sob a carrapateira, como se preparasse um salto. Recuei precipitadamente e bati com os ombros na cerca. Julião Tavares podia ficar assim, pendurado a um galho, como um suicida. Acreditariam que ele fosse um suicida? Acreditariam? Não acreditariam. Os jornais fariam escândalo, publicariam o retrato da mocinha sardenta. Um rapaz desvairado, perfeitamente, rapaz desvairado. Desembaracei a mão direita e numa das extremidades da corda fiz um laço. Vinha-me afinal uma resolução. Entrei a mexer-me, com medo de perdê-la. Se os pensamentos se sumissem? Se voltasse aquele marasmo?

– Tudo inútil.

Os dentes já não batiam. Curvei-me, procurando a cabeça de Julião Tavares. Encontrei o chapéu caído, um braço, que soltei arrepiado porque nunca havia tocado em cadáveres. A idéia de que Julião Tavares era um cadáver estarreceu-me. Não tinha pensado nisto. Horrível o corpo imóvel, esfriando. Lá estava a cabeça ainda morna. Enjoado, cuspiendo muitas vezes, erguia-a, passei o laço no pescoço. Prendi nos dentes a outra ponta da corda, subi à cerca, trepei-me num galho da árvore. E comecei o trabalho de guindar o morto. A mão direita puxava a corda, que se movia lenta por cima do ramo; do outro lado a mão esquerda agüentava o peso do corpo. Moço desvairado. Duas tarjas grossas, uma no princípio, outra no fim da página. Qualidades, Julião Tavares tinha muitas qualidades. A literatura dele reproduzida nas folhas, em tipo graúdo. Comentários. Por que foi? Como foi? Enterro complicado, automóveis, todos os automóveis da praça, bondes especiais. O discurso no cemitério, discurso empolado. E o túmulo com uma coluna partida. Muitos túmulos com colunas partidas. Colunas de mármore, colunas de cimento. Moço desvairado. Todos os mortos importantes eram colunas partidas. Julião Tavares era uma coluna de mármore, partida. O capitel no chão, esverdeando-se.

O corpo subia. No princípio o esforço não era grande demais. A cada movimento passavam no galho algumas polegadas da corda. Mas quando a massa obesa se elevou, as dificuldades foram enormes para correrem uns centímetros.

– Mais um pouco, mais um pouco.

Estas palavras não me deixavam. O corpo devia estar todo erguido, e os meus ossos estalavam. O galho curvava-se. Ia quebrar-se, atirar-nos ao chão. Tudo perdido. A polícia, a cadeia. Denunciar-me-ia no primeiro interrogatório. Segurei-me à corda, com o intuito de amarrá-la. Desceria. Livre do meu peso, o galho se elevaria, os pés de Julião ficariam suspensos como os de Cirilo da Engrácia.

– Bem.

Apareceram vozes na estrada. Vozes? Ou seria que eu estava tresvariando? Alucinação. Não queria acreditar que pessoas normais se avizinhassem de mim sossegadamente. Agarrava-me com desespero à corda.

– Trinta anos de prisão, trinta anos de prisão.

As grades que a gente não pode tocar, tão nojentas são elas, as esteiras, as cortinas de pucumã, os muros grossos, fome, sede, caldo de bacalhau, e nesta miséria José Baía fabricando piteiras, pentes de tartaruga, objetos miúdos de casca de coco.

– Vão-se embora. Vão-se embora. Não venham, que se desgraçam. Um homem perdido não respeita nada.

O homem perdido ofegava apavorado. As vozes cada vez mais distintas, grossas, finas. Machos e fêmeas. Certamente iam para a farra. Mentira, tudo mentira. Eu não tinha trinta e cinco anos: tinha dez e estudava a lição difícil na sala de nossa casa na vila. A sala enchia-se de rumores estranhos que vinham de fora e saíam das paredes. Provavelmente eram os sapos do açude da Penha. Não eram sapos: eram homens e mulheres que se aproximavam. As palavras tornaram-se claras. Alguém dizia:

– Deixa de luxo, minha filha. Será o que Deus quiser.

Não me lembro de outra frase. Risos, falas truncadas. O grupo foi-se chegando, passou por baixo da árvore. Uma pessoa bateu em Julião Tavares e resmungou: – “Desculpe”. A corda resvalou, recuou uns dez centímetros, com certeza Julião Tavares curvou-se um pouco na escuridão. Eu repetia baixinho:

– Será o que Deus quiser.

Os meus dedos se imobilizavam, feridos, a corda molhada de suor ameaçava correr sobre o galho, emborcar no chão úmido o corpo de Julião Tavares. Não o poderia levantar outra vez, a polícia encontrá-lo-ia deitado nas folhas e iria farejar-me.

– Trinta anos de prisão. Trinta anos de prisão.

O riso de uma das mulheres que tinham passado sob a árvore estalou a alguns metros de distância. Estaria mangando de mim? Mangando dos esforços que eu fazia para recuperar os dez centímetros de corda? Senti que ia fraquejar, que a corda continuaria a escorregar na madeira. Julião Tavares, inclinado para a frente, balançava. Seu lvo andava assim, zambeta, balançando, os olhos vidrados, sem ver ninguém. Outras gargalhadas, longe. Seria a mulher que tinha rido? Ou viriam outras pessoas falar debaixo da árvore, bater no ombro de Julião Tavares, pedir-lhe desculpa? Não havia perigo, não havia perigo, entrei a repetir baixinho que não havia perigo. Estava em segurança, escondido na folhagem, enrolado no nevoeiro. Podiam passar, parar, tocar em Julião Tavares, que se afastaria duro como uma marionete pesada demais.

– Não há perigo, nenhum perigo.

Não havia outra coisa. E pareceu-me falta de senso comum alguém rir naquele lugar amaldiçoado. Por que amaldiçoado? Tanta importância! Eu e Julião Tavares éramos umas excrescências miseráveis. As risadas zombeteiras extinguíam-se, distantes.

– Luís da Silva, Julião Tavares, isso não vale nada. Sujeitos úteis morrem de morte violenta ou acabam-se nas prisões. Não faz mal que vocês desapareçam. Propriamente, vocês nunca viveram.

la adormecer entre as folhas, com os braços estirados, afastando-me da árvore para fazer contrapeso ao corpo de Julião Tavares. Apoiava-me à curva da perna direita, presa ao galho. De quando em quando soltava a corda e ia pegá-la mais abaixo. A mão esquerda agüentava o peso, os dedos estavam a ponto de quebrar-se. Julião Tavares teria subido, ou a corda mergulhara no pescoço balofo? Qualquer movimento à-toa me faria perder o equilíbrio. Abria os olhos desmedidamente, mas tinha medo de virar a cabeça para ver o corpo que se alongava e emagrecia.

– Sobe, Julião Tavares. Para que serve essa resistência atrasada?

Uma lentidão de lesma. Subitamente notei que o corpo subia e balançava. Passei rápido a corda pelo galho. Outra volta, outras voltas, um nó que me levou o resto da energia, e fiquei ali arquejando, desmanchando-me em suor. Desejaria achatar-me, confundir-me com as coisas moles e úmidas que os meus dedos tinham esmagado sobre a casca da árvore. Agora os dedos seguravam mal aquele suporte incômodo e oscilante. Enorme preguiça e enorme sono

prendiam-me ao galho. Creio que dormi uns minutos. Seria bom cair: talvez a queda sacudisse o torpor e me restituísse a vontade necessária para entrar em casa e embriagar-me. Embriagar-me, naturalmente. Teria dormido? Meus parentes sertanejos dormiam montados, viajavam assim. Equilibrava-me não sei como. – “Currapaco, papaco. A mulher do macaco...” Vitória sonhava com as moedas escondidas em qualquer parte, depois que os canteiros tinham sido descobertos. Como me seria possível alcançar outro ramo? Passando a outro ramo, estaria em segurança. Se pudesse retirar-me dali... Tive a idéia extravagante de chegar à cidade andando sobre as árvores.

– Em segurança, em segurança.

Evidentemente era preciso descer, mas isto me apavorava. Lá embaixo numerosos inimigos iam perseguir-me. Necessário descer. Soltar-me-ia, tombaria como um macaco ferido. Os dedos inteiriçavam-se. Escancarei os olhos. O que vi foi o corpo de Julião Tavares deformado pela escuridão. Balancei a cabeça, encolhi-me com um arrepio, o receio de na queda tocar o corpo de Julião Tavares. Não caí. Escorreguei na madeira molhada, abracei-me a ela. Uma pancada no joelho, as pernas estrepando-se na cerca de pau-a-pique, um rasgão nas calças. Dei um salto para trás e caí sentado nas folhas secas. A idéia do perigo assaltou-me com tanta intensidade que me pus a soluçar. Tentei levantar-me, as pernas vergaram. Arrastei-me chorando, apalpando o chão, a procurar qualquer coisa. Procurava o chapéu, caído na luta, mas não sabia o que procurava. As carapanãs esvoaçavam-me em torno da cabeça e picavam-me a carne moída. Encontrei um chapéu, que não dava para mim, era pequeno demais. Atirei para longe, cheio de repugnância, o chapéu de Julião Tavares. Continuei a engatinhar, já agora sabendo perfeitamente que procurava o meu chapéu. Achei-o, mas ficou-me a dúvida de que fosse o mesmo experimentado minutos antes. Não se acomodava bem na minha cabeça. Rastejei ao longo da cerca. Alguns metros que me afastasse representavam uma conquista. Estava aborrecido com Moisés. Que me havia feito Moisés? Não me lembrava de nada, mas era certo que o Judeu me pregara uma peça. Pareceu-me que ele rondava por ali, mangando de mim. Rastejando como as cobras! Nova tentativa e consegui levantar-me, lá fui caminhando lentamente, amparado à cerca. Faltou-me de repente o amparo, andei como uma criança que ensaia os primeiros passos. Se pudesse correr... Evidentemente o perigo crescia. Quantos metros teria percorrido? Estava certo de que homens e mulheres me acompanhavam. Tinham passado por baixo da árvore, visto o homem enforcado, iam encontrar-me e denunciar-me. A gargalhada e a frase da mulher atenazavam-me.

– Será o que Deus quiser, sem dúvida.

Um, dois, um dois. Inútil. Não podia marchar. Um aleijado, um velho. Mais cem metros, e talvez fosse a salvação. Horrível atravessar os espaços iluminados. Se alguém desembocasse de uma travessa e me reconhecesse? Desejava olhar para trás. Impossível. Consegui reunir uns restos de força e correr. Uma carreira bamba e trôpega, a boca aberta, contrações na carne enregelada. Corria e chorava, certo de que o esforço era perdido, porque o meu chapéu tinha ficado à beira do caminho, sobre as moitas. No dia seguinte passaria de mão em mão e chegaria à minha cabeça.

– Trinta anos de cadeia.

Que utilidade tinha aquela carreira desengonçada e trêmula? Se me vissem correndo e chorando ali nos fundos dos quintais? Precisava parar, mas as pernas, levadas pelo medo, não quiseram obedecer. Insuportáveis os zumbidos e as ferroadas das carapanãs. Um chapéu muito pequeno. Dei um tropeção e estaquei. Para que lado me dirigia? Ia para a cidade ou voltava para Bebedouro? Inteiramente desorientado. Teria de passar outra vez pela árvore onde Julião Tavares se balançava? Vagar a noite inteira, como um judeu errante! Continuei a andar. Bem. Se me encaminhasse a Bebedouro, voltaria pela rodagem, entraria em casa antes do amanhecer. Apareceram luzes, as carolinas que enfeitam o canal, os eucaliptos da Levada. Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me. Estava ali um vagabundo, que acordou com a minha chegada. Eu ia perseguido por criaturas inexistentes, mas a presença daquele vagabundo não me produziu medo.

## Bibliografia

Brayner, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2ª ed. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Em especial os ensaios “A gênese do crime em *Angústia*, de Graciliano Ramos”, de Massaud Moisés; “Graciliano Ramos e o romance trágico”, de Sonia Brayner.

Candido, Antonio e Castelo, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira – Modernismo*. 7ª ed. Difel, São Paulo, Rio de Janeiro. 1979.

Carvalho, Lúcia Helena. *A ponta do novelo (uma interpretação de Angústia, de Graciliano Ramos)*, São Paulo: Ática, Coleção Ensaios. 1983.

Paes, José Paulo. “O pobre diabo no romance brasileiro”. *Novos Estudos – Cebrap* – nº 20. São Paulo, março de 1998, pp. 38-53

Ramos, Graciliano. *Angústia*. 21ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1979. Com posfácio de Otto Maria Carpeaux: “Visão de Graciliano Ramos”.

Teixeira, Ivan. “*Angústia*, uma teoria do romance de Graciliano”. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2/Cultura, 10.9.2000.

Holanda Ferreira, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

## Exercícios

1- Leia o trecho seguinte de *Angústia* para responder às questões:

**Julião Tavares seguia pela rodagem, rente aos jardins dos palacetes adormecidos. Ou acompanhava a estrada de ferro, que atravessa a rua, ganha os fundos das casas. Ali era o silêncio, uma sombra que algumas lâmpadas, muito distanciadas e os becos por onde espirra um pouco de luz interrompiam. A água do mangue apresentava manchas brancas entre as árvores. Aproximando-me, ouvia perfeitamente os passos do homem nas folhas secas. Por que era que aquele sem-vergonha caminhava como se estivesse em casa, pisando no chão pago?**

**Em toda a parte era assim. Derramava-se no bonde, e se alguém lhe tocava as pernas, desenroscava-se com lentidão e lançava ao importuno um olhar duro. Eu encolhia-me, reduzia-me e, em caso de necessidade, sentava-me com uma das nádegas. As viagens se tornavam horivelmente incômodas, mas havia-me habituado a elas, e ainda que o carro estivesse deserto, não poderia espalhar-me como Julião Tavares: receava que me viessem empurrar e tomar, sem pedir licença, algumas polegadas da tábua estreita.**

- a) Considerando toda a narrativa, de que maneira a descrição da paisagem, no primeiro parágrafo, cria no leitor uma ansiedade para o que acontecerá a seguir na história?
- b) Pode-se afirmar que as diferenças de comportamento – expostas no segundo parágrafo – entre Julião Tavares e o narrador-protagonista revelam sua posição social e aspectos da sua personalidade. Explique essa afirmação.

2- As questões são baseadas no seguinte trecho de *Angústia*:

**Seu Ivo apareceu aqui em casa faminto, meio nu e meio bêbedo, como sempre. Enquanto Vitória lhe preparava a comida, fez-me um presente:**

**– Está aqui, Seu Luisinho, que eu lhe trouxe.**

**E pôs em cima da mesa uma peça de corda.**

**– Para que me serve isso, Seu Ivo? Onde foi que você furtou isso?**

**– Não furtei, não, Seu Luisinho, achei na rua. Guarde para o senhor. É bonitinha.**

**E entregou-se ao prato que Vitória lhe ofereceu.**

- a) A corda recebida de presente por Luís da Silva dá origem a um fluxo de imagens que – já antes e posteriormente a essa cena – são recorrentes na narrativa e relacionam-se indiretamente. De que tratam essas imagens? Exemplifique apresentando uma delas.
- b) De que maneira a corda precipita o descontrole mental de Luís da Silva?
- c) E de que maneira ela se liga ao desfecho da narrativa?

## Respostas

### 1.

- a) A paisagem solitária e soturna em que estão Julião Tavares e Luís da Silva (aquele seguido por este) aumenta a ansiedade do leitor por saber se Luís da Silva terá coragem para colocar em prática a idéia fixa que o persegue há dias: matar Julião Tavares.
- b) De fato, o comportamento sempre à vontade de Julião Tavares revela que ele pertence à camada endinheirada da sociedade, que não se importa com os que estão abaixo. Mostra também sua personalidade expansiva e narcisista. Já o acanhamento de Luís da Silva é resultado de uma contínua humilhação econômica que o coloca como um inferior na escala social. Sua personalidade é ensimesmada. Trata-se de um homem retraído e desconfiado.

### 2.

- a) São imagens que se relacionam por tratarem todas de enforcamento ou sufocamento: as brincadeiras de que Luís da Silva era vítima, do pai no poço do engenho, a corda enrolada no pescoço de seu avô, o velho que se enforcara na vila etc.
- b) O fato de seu Ivo aparecer fortuitamente com a corda passa a incomodar Luís da Silva como um recado do destino de que seria inevitável que ele colocasse em prática as idéias desorientadas que vinha tendo nos últimos dias e se resumiam ao seguinte: matar Julião Tavares, esganando-o ou enforcando-o. Essas idéias desorientadas se tornam cada vez mais obsessivas, arrastando o protagonista para o crime.
- c) É com essa mesma corda que Luís da Silva enforcará Julião Tavares ao final da narrativa.